POPOL
VUH
hiena

POPOL VUH

NOTÍCIA
E
COMENTÁRIO

Ao cruzar o Caribe, uma piroga de mercadores instruiu Colombo sobre a existência do Yucatán, terra firme a avançar pelo mar dentro além da ilha das Mulheres. Anos mais tarde, arribava a essa costa o navio descobridor de Francisco Hernández de Córdoba, pilotado por Antón de Alaminos, de perícia reconhecida na arte de adivinhar escolhos e correntes naqueles mares virgens. A conquista inicia-se dez anos depois e é levada a cabo rapidamente. A terra — como gostavam de dizer os cronistas — é de «temperamento» húmido e quente, e estava coberta de florestas povoadas de toda a espécie de feras: «tigres e leopardos, cobras, insectos venenosos e uma casta de aranhas a que os índios chamam ham, *porque a força das dores leva quem por elas é mordido a repetir, quando se queixa, essa palavra até morrer». Nenhuma cidade grande, como a Tenochtitlan conquistada por Cortez; tão-pouco grandes imperadores capazes de resgatar a vida com tesouros assombrosos. Apenas grupos de índios armados de flechas e zarabatanas que falavam com humildade, numa língua harmoniosa mas inconstante: bastava marchar poucas jornadas em qualquer direcção para encontrar a linguagem transformada. À medida que os conquistadores se vão internando na selva, começam a desfilar, cobertas pela implacável vegetação, muralhas de palácios imensos, cheios de signos e esculturas. Diego García de Palacio dá notícia do assombro causado por estas ruínas numa carta enviada a Filipe II em 1576: «No caminho da cidade de San Pedro, no primeiro lugar da província de Honduras, que se chama Copán, há ruínas e vestígios*

de grande população e soberbos edifícios, tais que custa a crer o engenho bárbaro dos naturais haver podido criar em algum tempo tanta arte e sumptuosidade». E foi tudo. Registado o assombro perante as ruínas, descoberto o túmulo da cultura maya-quiché, passou-se adiante sem mais demoras.

Os mayas-quichés ocupavam a península do Yucatán, na Guatemala, partes de San Salvador e da Nicarágua. Dizem os arqueólogos que os primeiros homens desta raça, depois de vaguear pela América Central, se fixaram naquelas regiões cerca do ano 200 da nossa era, construindo nos quatro séculos seguintes o Primeiro Império, o Velho, no sul do território (Chiapas, Tabasco, Petén, Guatemala e Honduras). Após um período de colonização e transição, surge a Grande Liga, com sede no Yucatán (entre 1.000 e 1.200). Sobrevém um período de domínio Tolteca e começa a desintegração do Império. Em 1517, os descobridores encontram apenas os restos do que tinha sido uma das mais altas culturas da América.

Dentro do território maya, viviam povos com os mesmos costumes e análoga formação cultural, todos fundamentalmente agrícolas (milho, cacau, algodão). Embora pertencessem à mesma família linguística, os seus idiomas variavam, e foi precisamente a partir dessa variação que foram classificados em Mayas propriamente ditos, Tzendales, Pocomchines, Mames e Quichés, cada um deles falando uma língua subdividida em numerosos dialectos (mais de trinta e cinco no total). Estes povos tinham escrita, e graças a isso chegaram até nós alguns documentos e códices onde relatam a sua história, a bondade dos seus deuses, a recordação das suas alegrias e grandes desgraças. Destaca-se de entre esses documentos, com grandeza inigualável na América, o Popol Vuh, *o* Livro do Conselho.

Nos últimos anos do século XVII, *já se conhecia o idioma falado pelos homens do Mayab. A grande mestra da conquista americana — a mestiçagem — tinha começado a trabalhar, e nas aldeias perdidas da meseta ou nas planuras sertanejas erguiam-se torres de igreja onde um sacerdote ensinava o Credo e as vantagens do Paraíso a um ajuntamento de indígenas perplexos, na própria língua deles. No priorato de Santo Tomás de Chichicastenango, um dominicano ainda jovem — acabava de vencer o cabo da idade de Cristo —, Frei Francisco Ximénez, ensina doutrina e averigua coisas sobre os tempos antigos. Para além das tarefas religiosas, o frade trabalha apaixonadamente no estudo do idioma dos seus paroquianos, deixando, antes de morrer, uma* Gramática das Línguas Quiché, Cachiquel e Subtojil. *Um belo dia, sem que o nosso clérigo relate como, algum velho índio lhe entregou um manuscrito onde, em língua quiché escrita em caracteres latinos, se contava a formação do povo quiché desde as eras longínquas em que os deuses sopraram na boca dos seus bonecos de milho até aos tempos da decadência, da ruína e da invasão dos orgulhosos homens barbudos que chegaram do ultramar. Ximénez traduziu — segundo o juízo posterior dos eruditos a palavra correcta seria «fantasiou» — o manuscrito e incorporou-o na sua* Crónica da Provincia de Chiapa, *que por longo tempo dormiu inédita entre a papelada do convento. O manuscrito passou depois à Universidade de San Carlos, na Guatemala, e C. Scherzer publicou-o em Viena, em 1857. Sucederam-se depois as traduções e edições até às duas últimas mais importantes, uma efectuada por Georges Raynaud — e vertida para o castelhano, sob a sua direcção, pelos seus alunos J. M. González de Mendoza e Miguel Ángel Asturias — e a outra, de 1927, por Antonio Villacorta e Flavio N. Rodas.*

A presente versão procura dar ao documento uma forma literária que sem se afastar fundamentalmente do original lhe devolva o carácter substancial de obra poética. Resumimos e condensámos o texto para melhor poder ser iluminado pelas reproduções dos desenhos fabulosos dos códices mayas.

A concepção mágica do mundo, expressa no Popol Vuh *pela alta voz da poesia popular, é o primeiro marco implantado pelo pensamento no caminho do seu lento despertar. Deslumbrado pelo esplendor da consciência que amanhece e atribuindo à natureza essa vontade de ser da qual ele próprio se sente portador, o homem elabora o vasto sistema de vigilância recíproca e dependência absoluta entre ele e a natureza em que se apoia inteiramente a concepção mágica. Nesta etapa, é essencialmente poeta: percebe as coisas directamente,*

com imaginação espontânea e vigorosa, sem recorrer ainda aos subterfúgios do pensamento. A arqueologia ensina-nos que a magia domina o primeiro horizonte cultural da América Central, situado aproximadamente entre os 3.000 anos antes de Cristo e o começo da nossa era. Dir-se-ia que, ao mesmo tempo que as comunidades originárias são substituídas por centros urbanos onde o indivíduo estará subordinado a um todo que o ignora e domina, o homem vai perdendo pouco a pouco a sua bela segurança em si mesmo, ansiando por libertar-se das responsabilidades angustiantes para com a natureza que outrora assumiu alegremente. A partir deste momento o doloroso despertar da consciência humana pode acompanhar-se através das divindades sucessivamente definidas.

É no começo da nossa era que o primeiro deus — o do fogo — faz a sua entrada no mundo mesoamericano, e associada a esta divindade longínqua surge a primeira construção religiosa: o edifício circular de Cuicuilco. Com a definição da ideia de Deus, o horizonte arcaico chega ao fim: os vastos e complexos sistemas religiosos — vastos e complexos como os organismos sociais que os determinam — não tardarão em tomar forma.

É conhecida a importância das representações divinas nas culturas pré-hispânicas. Não há cidade arqueológica que não ofereça grande número destas misteriosas personagens, as quais, graças à decifração dos símbolos que as recobrem, puderam ser parcialmente localizadas nos respectivos panteões. Pese embora a sua importância, há motivos para pensar que o culto destes deuses se devia limitar estrictamente às castas dirigentes e que a sua influência não devia fazer-se sentir nas regiões afastadas dos centros religiosos. Mais ainda do que a prova arqueológica — baseada na escassez das representações divinas encontradas fora desses centros —, são os testemunhos de alguns cronistas do século XVI que nos induzem a estas reflexões. Com efeito, é curioso observar que exceptuando Sahagún — o qual prossegue as suas magníficas investigações com o auxílio de iniciados na religião azteca —, são poucos os trabalhos onde possa descobrir-se o vestígio de deuses: os frades que relatam as suas experiências vividas no contacto com os indígenas falam quase

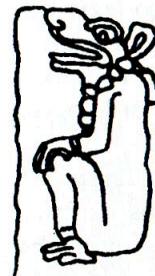
exclusivamente de práticas ligadas de maneira evidente à mentalidade pré-divina.

É de facto de magia, mais do que de religião, que nos fala o Popol Vuh.

Diz Le Clézio, na apresentação da sua bela versão do livro das Profecias de Chilam Balam, *que «os verdadeiros livros são mágicos: vêm do outro lado do tempo, densos, semelhantes a estelas, carregados de símbolos e sinais, como se fossem escritos no interior de um sonho, entre as passagens negras do esquecimento».*

Livros do Conselho, Livros dos Kantulo, Livros dos Mortos, Tonalamatl, Walam Olum, Popol Vuh, Livros de Chilam Balam — *que poderão dizer-nos estes livros salvos do fogo, estas mensagens cujos parcos sinais gravados na pedra, na madeira, pintados sobre papel rudimentar falavam uma linguagem mágica, a nós que vivemos no século da inflacção, da falsificação das palavras? É uma linguagem perdida, talvez para sempre. Muito antes da chegada dos espanhóis ao continente americano já o mundo maya tinha morrido, sem explicações, sem drama. Enquanto a maioria dos outros povos aduzem razões para explicar o seu próprio fim (conquistas, revoluções, cataclismos), o povo maya desapareceu sozinho, sem convulsões aparentes, como se um dia os deuses tivessem desviado o olhar e o houvessem abandonado. E no entanto gostamos de imaginar que o céu, como no princípio do* Popol Vuh, *vai de novo conquistar a terra, e o povo dos Itzas, desperto de um longo sono, sair dos seus poços e grutas para fazer ressoar no silêncio do Yucatán aquela linguagem que durante mil anos transformou uma região inóspita e selvagem em terra da beleza, da harmonia e do conhecimento.*

ERNESTO SAMPAIO

POPOL VUH

Este é o princípio das antigas histórias do Quiché, onde se dirá, em língua de cristãos (temos livro antigo e original destas coisas, mas já não se entende), a luz e a sombra, o claro e o escuro do Criador e Formador, Mãe e Pai de tudo.

Traçados os riscos e linhas do Céu e da Terra, deu-se fim perfeito ao todo, dividindo-o em paralelos e climas e repartindo-o em quatro partes, formando quatro ângulos e quatro lados.

O Criador e Formador de tudo, Mãe e Pai da vida e da criação, gerador da respiração e do movimento, concessor da Paz, aperfeiçoou e rematou as coisas todas. Pois ele é a Claridade, o garante da formosura inteira existente no céu e na terra, nos lagos e no mar.

Então não havia homens, nem animais, nem pedras, nem nada. Por cima dos vastos plainos, o espaço jazia imóvel, e sobre o caos descansava a imensidade do mar num silêncio absoluto. Nada estava junto, nem ocupado. O de baixo não se assemelhava ao de cima. Não havia coisa em ordem, coisa que tivesse ser.

No silêncio das trevas, viviam os deuses *Tepeu, Gucumatz* e *Furacão,* cujos nomes guardam os segredos da criação, da existência e da morte, da terra e dos seres que a habitam. Falaram entre si, conferiram, manifestaram os seus sentimentos e, no meio da escuridão, chegaram a acordo sobre o que deviam fazer. Assim se criaram todas as criaturas.

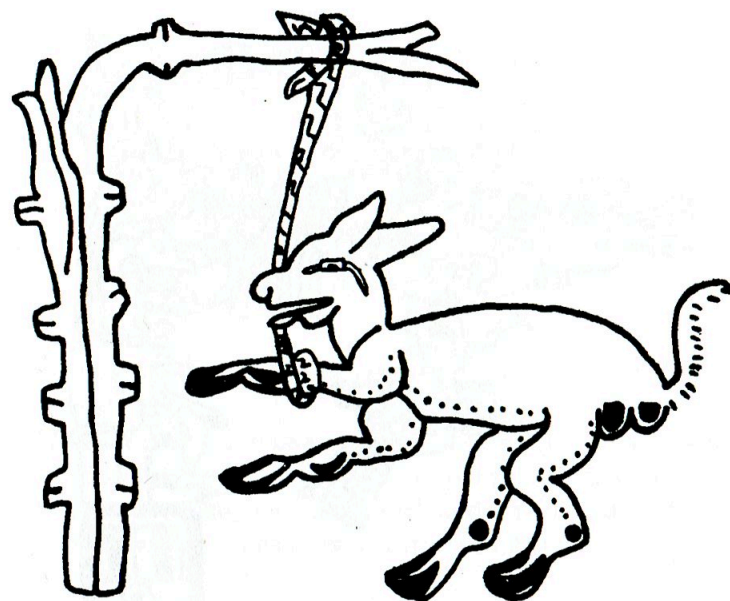
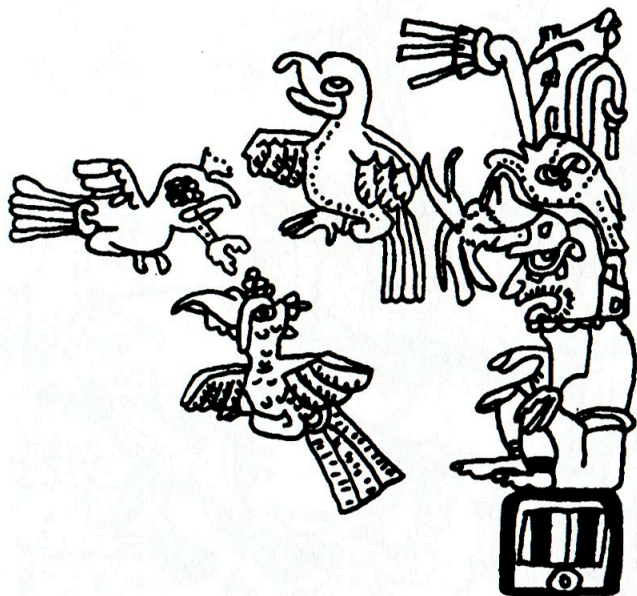
Coração do Céu, chamado Furacão, criou as árvores e a vida.

A primeira manifestação de Furacão chamava-se Caculiá Furação, o Raio de Uma Perna. A segunda manifestação Chipi Caculiá, o Mais Pequeno dos Raios. A terceira Raxá Caculiá, Raio Muito Formoso.

E assim são três o Coração do Céu.

Primeiro foi criada a terra: montes, vales, planícies; dividiram-se os caminhos da água e irromperam muitos arroios por entre os cerros; em alguns sítios, as águas detiveram-se e apareceram as altas montanhas. Então afastaram-se as nuvens que enchiam o espaço entre o céu e a terra. Um aroma acre e doce desprendeu-se das florestas de riquíssima seiva que começaram a surgir.

Depois disto, decidiram criar os animais, guardiães e alegria dos montes: o veado, a ave, o puma, o jaguar, a serpente, o lagarto.

Ao ver o que tinham feito, os deuses disseram: a criação primeira é bela.

«Tu, veado», disseram, «habitarás e dormirás nos barrancos e nos caminhos da água, terás quatro pés para andar entre ervas secas e ervas verdes, e nos montes te multiplicarás».

E às aves assim falaram:

«Tu, ave, viverás nas árvores e nos penhascos, voarás pelos ares, alcançarás a região das nuvens, roçarás a transparência do céu e não terás medo de cair. Teus filhos e os filhos dos teus filhos farão o mesmo e seguirão, em tudo, o teu exemplo e a tua graça».

E tomando cada ave a morada que lhe foi dada pelos deuses, habitaram Ulew, a Terra.

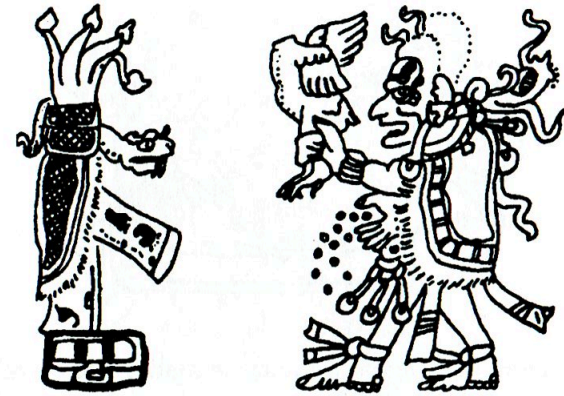
Havendo criado todas as aves e animais, disseram-lhes os Criadores:

«Falai segundo a vossa espécie e diferença; louvai o nosso nome; dizei que somos vossos Pais e Mães. Falai, invocai-nos!»

Mas embora isto lhes fosse ordenado, não puderam falar como os homens: apenas uivar, cacarejar, gritar.

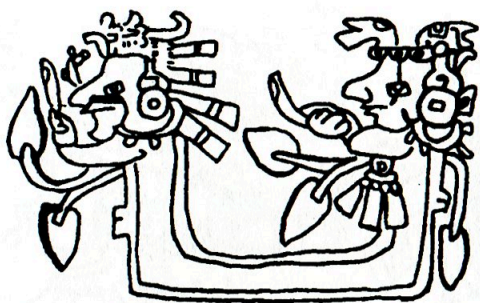
Tentaram articular e juntar as palavras e saudar os Criadores, mas não conseguiram; e desta sorte o ultraje lhes cobriu as carnes; e assim são mortos e comidos todos os animais que há na terra.

Os deuses procuraram então fazer outras criaturas. Os Formadores fizeram um corpo de barro, mas era pesado, inerte, e como o lodo era brando tudo se desconjuntava. Falava, mas não tinha entendimento e desfazia-se na água.

Vendo isto, os Criadores dissolveram-no e consultaram os velhos adivinhos Xpiyacoc e Xmucané, avós do Sol e da Lua, sobre como havia de fazer-se o homem.

Os adivinhos lançaram as sortes com milho e grãos vermelhos de tzité, e disseram:

«Eia, Sol! Eia, Lua! Juntem-se e declarem se os Criadores devem formar o homem de pau. Fala, Milho! E tu também, Tzité! E tu, Sol! E tu, Lua! Eia, Milho! Eia, Tzité!»

Como resposta, o milho e o tzité assim falaram:

«De pau, está bem; a madeira falará quando o homem com ela lavrar».

A imagem do homem foi feita de madeira, e de tzité a sua carne; a da mulher de zibaque.

Multiplicaram-se e tiveram filhos e filhas, mas saíram tontos, sem coração nem entendimento. Andaram sobre a terra sem se lembrar do Coração do Céu.

Não tinham agilidade nos pés, nem sangue ou humidade nas mãos. Suas faces eram secas e pálidas, os pés amarelos e macilenta a carne.

Multiplicando-se, os homens de pau chegaram a ser muitos sobre a terra.

Então, Coração do Céu castigou os homens de pau.

De além do céu, caiu uma grande quantidade de resina e acabou por consumi-los.

Caiu uma chuva escura, chuva de dia, chuva de noite, sobre a cabeça do homem de pau.

Veio o pássaro Cotcowach e arrancou-lhes os olhos; outro, chamado Camalotz, cortou-lhes a cabeça; o animal Cotzbalam devorou-lhes as carnes e o chamado Tucumbalam quebrou-lhes e moeu-lhes os ossos e os nervos até ficarem em farinha.

Tudo em castigo por se haverem esquecido de seus Pais e Mães.

Acorreram toda a espécie de animais, paus, pedras e começaram a golpeá-los. Diziam-lhes os cães e as galinhas, enquanto os maltratavam e denegriam: «Tu nos bateste, mordeste, comeste, agora vamos fazer-te o mesmo».

As mós diziam-lhes: «Muito nos atormentaste, toda a manhã e toda a tarde a fazer-nos gritar sem descanso *joli, joli, juqui, juqui,* moendo milho sobre as nossas caras; agora ireis saborear a nossa força: vamos moer as vossas carnes e transformar em farinha os vossos corpos».

E falando, diziam-lhes os cães:

«Porque não nos deste a nossa comida, enquanto vos víamos comer? Havia sempre um pau a jeito para nos bater e expulsar. Como não falávamos, era assim que nos tratavam. Porque não cuidaste de nós? Agora saborearão os dentes que temos na boca: vamos comer-vos».

Os tachos e as panelas falaram desta forma:

«Só nos deste dores e penas. Queimaste as nossas bocas e rostos, sempre tisnados e sempre ao lume; agora sereis vós os queimados».

E os «tenamastes» ou pedras onde se põem as panelas ao lume, diziam-lhes:

«Sempre nos expuseste ao fogo, causando-nos grandes dores; agora vamos rachar-vos a cabeça».

Veio uma tormenta de granizo e os homens de pau trataram de salvar-se da inundação.

Fora de si e sem sentido, corriam os homens, desatinados. Queriam subir aos telhados das casas, mas vinham abaixo. As árvores repeliam-nos. As cavernas fechavam-se e não os deixavam entrar.

E assim foram destruídos todos estes homens. Como únicos vestígios deixaram apenas os macacos, que andam agora pelos montes.

Por isso Coy, o Macaco, se parece com o homem.

Então quase não havia claridade sobre a face da terra. O sol ainda não brilhava. Um ser chamado Wukub K'aquix tornou-se soberbo por causa das riquezas que possuia, mas não era, como julgava, nem sol, nem lua, nem estrela. Ao ver brilhar as suas plumas metálicas com a luz ténue que vinha do céu, deixou-se aturdir pelo orgulho e pela insolência do seu coração.

Wukub K'aquix tinha dois filhos: Zipacná e Cab Rakan. A mãe chamava-se Chimalmat.

O mais velho pensava que tinha nascido para fazer montanhas, sem outras normas que o seu gosto e capricho. Cab Rakan não se imaginava menos poderoso. Julgava que o seu ofício consistia em agitar e remover as entranhas ferventes dos montes. Os três seres constituiam um maligno exemplo de orgulho. A dois rapazes, Junaipu e Xbalamqué, pareceu-lhes mal essa soberba; e decidiram matá-los.

Souberam que Wukub K'aquix costumava ruminar os seus pensamentos de poder debaixo de uma árvore de nanças, comendo os frutos que tombavam maduros, amarelos, suaves, perfumados. Janaipu e Xbalamqué treparam à árvore e esconderam-se entre os ramos. Ali permaneceram insensíveis, silenciosos, como se fossem bonecos de pau.

Longo tempo assim ficaram, tão imóveis que os pássaros, sem medo, lhes pousavam na cabeça. Quando Wukub K'aquix estava entretido na sua comida, Junaipu, o mais ousado, soprou-lhe um bodoque com a zarabatana e atingiu-o na queixada, fazendo-o cair redondo, de mandíbula partida.

Vendo-o assim, Junaipu desceu da árvore e dispunha-se a acabar com ele, mas o ferido, ágil e violento, levantou-se, enfrentou o agressor, agarrou-o por um braço e arrancou-lho do ombro. Depois voltou para a caverna onde vivia. Ao chegar, disse à mulher:

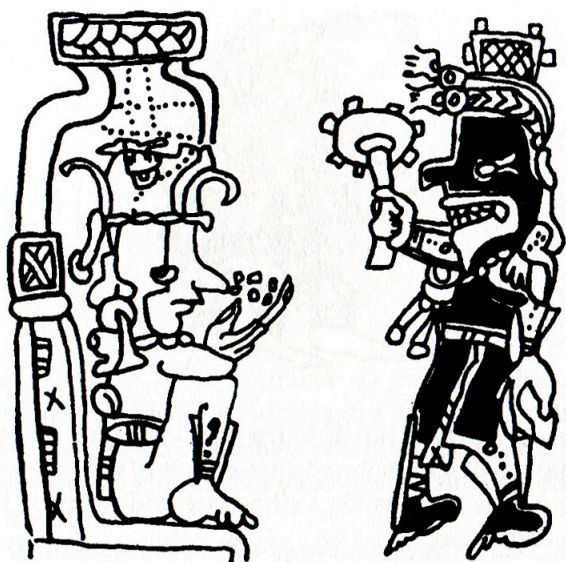
«Dois demónios partiram-me as queixadas. Todos os dentes me doem e abanam; mas trago aqui o braço de um deles: pendura-o ao fumeiro sobre a fogueira, a ver se vêm procurá-lo».

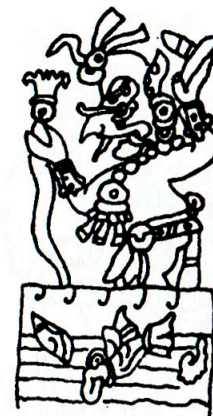
Chimalmat assim fez.

Sentados numa laje à beira do caminho, Junaipu e Xbalamqué cavilavam sobre o que deviam fazer. Resolveram ir consultar dois anciãos tão velhos que andavam curvados e pareciam corcundas.

Aproximando-se, disseram-lhes:

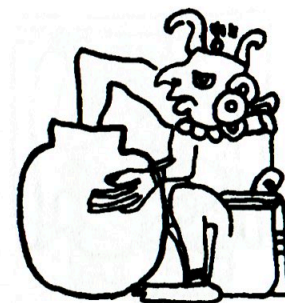
«Vinde connosco a casa de Wukub K'aquix buscar o braço de Junaipu; usai os vossos ardis para vencê-lo».

«Está bem», disseram os velhos.

Estava Wukub K'aquix recostado no seu trono, dando gritos de dor, quando os dois velhos, com os rapazes atrás, passaram diante da casa. Wukub K'aquix chamou-os para o curarem. Os velhos arrancaram-lhe os dentes, que pensava luzirem como esmeraldas, e em seu lugar puseram dentes de milho branco. Também lhe furaram as meninas dos olhos, fazendo-lhes perder o brilho aparente, e tiraram-lhe os adornos de prata. Com isto morreu. E também morreu Chimalmat, a mulher de Wukub K'aquix.

Os velhos colocaram o braço de Junaipu no seu lugar. Depois, com calma nos espíritos e sossego nos corpos, os dois rapazes despediram-se e partiram, sempre por mandato do Coração do Céu.

Entretanto Zipacná, metido num rio manso que corria entre limoeiros e laranjeiras, gritava como um louco aos quatro ventos: «Só eu faço as montanhas! Ninguém mais as pode fazer assim tão altas e tão grandes e tão cheias de barrancos e tão povoadas de animais e tão cobertas de vegetação!»

Assim falava quando apareceram quatrocentos jovens que a duras penas arrastavam uma árvore: haviam-na cortado no monte para fazer as vigas de suas casas. Quase não podiam com ela e Zipacná, saindo das águas do rio, carregou-a sozinho. Aos jovens pareceu-lhes perigosa aquela força monstruosa e resolveram destruir Zipacná.

Pediram-lhe para fazer uma vala funda, mas ele, que tinha ouvido como planeavam destruí-lo, fez uma cova num dos lados da vala, onde se abrigou quando os jovens deixaram cair lá dentro um grande tronco. Zipacná gritou, mas estava metido na sua cova. Os jovens ficaram muito contentes, julgando que o tinham morto.

«Está morto», disseram os jovens. «Para celebrar a morte do orgulhoso Zipacná, façamos chicha. Daqui a três dias, viremos ver se saem vermes e formigas da terra: esse será o sinal da corrupção do seu corpo. Se assim for, beberemos, alegres, a nossa bebida de milho fermentado».

No fundo da cova, Zipacná, com tristeza, ouviu o que os jovens diziam, e decidiu vingar-se. Cortou as unhas e as pontas dos cabelos e deu-os às formigas, que os levaram para fora. Vendo este sinal, os jovens começaram a embebedar-se de chicha. Derreados como bestas, iam dando tombos por caminhos e veredas. Ficavam prostrados, de boca aberta. Suavam um suor frio e fétido, enquanto lhes escorria, entre os dentes, uma baba espessa e escura.

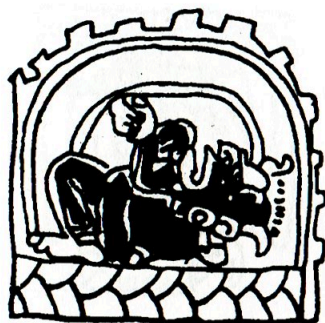
Enquanto isto acontecia, Zipacná saiu do seu esconderijo. Reuniu as forças que lhe restavam nos braços, nas pernas e na nuca, levantou as vigas das choças e deixou-as cair sobre os jovens, esmagando-os. Os jovens mortos, que eram quatrocentos, foram postos como estrelas no lugar Siete Cabrillas, por isso chamado Motz, que significa montão.

Junaipu e Xbalamqué sentiram tristeza pela morte dos jovens e meditaram em solidão acerca do que tinham que fazer para castigar Zipacná, que tantas provas de orgulho e de maldade vinha dando.

Zipacná só comia peixes, caranguejos, lagostins e camarões apanhados nos esteiros e restingas daqueles sítios. Quando Junaipu e Xbalamqué viram o que ele fazia durante as horas diurnas (de noite dedicava-se a transportar as montanhas de uma região para outra), fabricaram um grande caranguejo de barro, pondo-lhe, no lugar dos olhos, flores amarelas dos esteiros. Colocaram o falso caranguejo numa cova do sopé de uma montanha e foram procurar Zipacná. Encontraram-no a remexer com um pau as águas correntes e perguntaram-lhe:

«Que fazes aqui?»

«Ando à procura da minha comida», respondeu, «mas há três dias que não pesco nada. Já não consigo aguentar a fome».

«Vem connosco. Encontrámos um caranguejo numa cova. É tão grande que poderá alimentar-te por vários dias».

Ao chegar junto da cova, viram o simulacro de caranguejo, tão grande e pançudo, de tenazes tão reluzentes e carapaça tão brilhante, que Zipacná se babou de gozo. Deitou-se no chão e tentou entrar na cova para agarrar o caranguejo, que ia recuando. No momento em que os seus pés desapareceram, os irmãos sacudiram os rochedos da cova e tudo desabou com estrondo. Zipacná ficou esmagado entre os escombros. Lançou um grito, estremeceu um momento e depois transformou-se em pedra. Vêm daí essas pedras brancas e lisas que pelos caminhos da terra quiché encontram os viajantes. Dizem que ao humedecer-se quando chove, se queixam como Zipacná se queixou à hora da morte. Assim acabou a vida daquele que se ufanava, cheio de orgulho, de mover montanhas e de ser filho do defunto Wukub K'aquix.

Em Cab Rakan, filho segundo de Wukub K'aquix, tudo era engano e orgulho insensato. Vendo a sua soberba, as Três Manifestações de Furacão ordenaram a Junaipu e Xbalamqué:

«Que também seja destruído Cab Rakan».

Estava este a sacudir os montes quando chegaram os dois rapazes e lhe disseram:

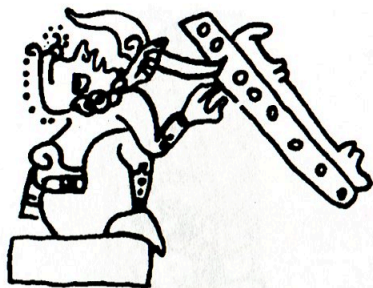
«Sabemos montar armadilhas para apanhar pássaros e vimos agora mesmo uma montanha que está cheia deles, mas é tão alta e escarpada que não conseguimos apanhar nenhum. Se tu a deitasses abaixo, podíamos caçar muitos pássaros».

«Aceito. Levem-me a essa montanha», respondeu Cab Rakan.

«Vem connosco», disseram-lhe os rapazes. «Se houver pássaros no caminho, as nossas zarabatanas darão conta deles».

Só com o sopro das zabaratanas, sem usar bodoques, caíam os pássaros, e isso deixava Cab Rakan maravilhado. Quando lhes veio a fome, detiveram-se, acenderam uma fogueira e começaram a assar os pássaros, untando um deles com terra branca. Ao girar dos espetos, escorria a gordura, exalando um aroma delicioso que fazia crescer água na boca de Cab Rakan. Deram-lhe o pássaro untado de terra e ele comeu-o, para sua ruína e destruição.

Prosseguiram o caminho e ao nascer do sol chegaram junto daquela alta montanha. Cab Rakan, indisposto e sem forças por causa do pássaro untado de terra que lhe deram a comer, não conseguiu derrubá-la. Os rapazes arrojaram-no ao chão, amarraram-no, abriram uma cova e enterraram-no.

Assim acabou Cab Rakan, vítima do orgulho de que fazia gala em terra quiché.

Tratemos agora do nome do pai de Junaipu e Xbalamqué. Chamava-se Jun Junaipu, filho de Xpiacoc e Xmucané. Nasceram Jun Junaipu e seu irmão Wukub Junaipu na escuridão da noite, antes de haver Sol e Lua e de ter sido criado o homem.

De Xbaquialó, Jun Junaipu teve outros dois filhos: Jun Batz e Jun Chowen.

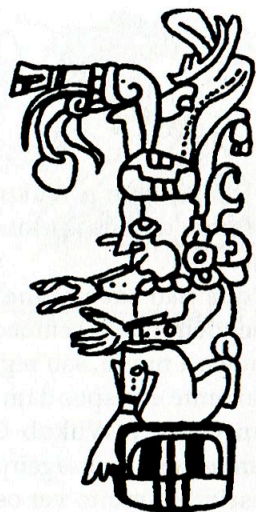
Jun Junaipu era bondoso. Ensinou música aos seus filhos,

e também os ensinou a pintar,

a entalhar, a lavrar pedras preciosas, a trabalhar a prata.

Certo dia em que Jun Junaipu e Wukub Junaipu se entretinham a jogar a bola, foram ouvidos pelos Ajawab de Xibalbá, os Senhores do Inferno.

«Quem são esses que não sabem que o jogo entre nós é sagrado? Não compreendem que a sentença dos juízes, assim como a sorte, a liberdade e a morte, são regidas pelo jogo? Que venham aqui imediatamente e respondam pela sua ousadia!»

Assim falaram Jun Camé e Wukub Camé, Senhores de Xibalbá, que mandaram os seus mensageiros Tucur e Tecolotes chamar os rapazes. Desejavam muito ver os apretechos de jogo de Jun Junaipu e Wukub Junaipu, mas estes deixaram-nos em casa antes de partir com os mensageiros, que os guiaram até Xibalbá, o Inferno. Aí, chegaram a uma encruzilhada de quatro caminhos. O Caminho Negro disse-lhes que metessem por ele. Assim fizeram, dirigindo-se ao sítio onde os Senhores, sentados, os esperavam.

Jun Junaipu e Wukub Junaipu saudaram os primeiros Senhores da fila, que não responderam: tratava-se de bonecos. Os Senhores riram-se e apontaram-lhes uns assentos feitos de pedra escaldante. Ao sentar-se, os jovens queimaram-se e desataram a correr sem tino.

Vê-los naquele estado e assim enganados deu muita vontade de rir aos Senhores, e tanto se riram que lhes doíam os ossos e já espirravam sangue.

Conduziram Jun Junaipu e Wukub Junaipu a uma sala mergulhada em negra escuridão. Os portadores enviados pelos Ajawab entregaram-lhes um pedaço de ocote e dois charutos e disseram-lhes assim:

«Os Senhores, que vos enviam este ocote e este tabaco, ordenam que os mantenham acesos durante toda a noite e os entreguem inteiros amanhã de manhã».

Também nisto foram vencidos, ao acabar-se o ocote e o tabaco que lhes deram.

Eram muitos os castigos de Xibalbá, o Inferno:

O primeiro era aquela Casa Escura, onde só havia trevas.

O segundo era a Casa dos Tremores, onde só havia frio.

O terceiro, a Casa dos Jaguares, onde só havia animais ferozes, e tantos eram que se devoravam uns aos outros.

O quarto, a Casa dos Morcegos, onde nuvens destes bichos voavam e chiavam.

O quinto, a Casa das Navalhas de Chay, de obsidiana, muito ponteagudas e afiadas, que chispavam umas contra as outras.

Ao amanhecer, os Senhores chamaram Jun Junaipu e Wukub Junaipu e perguntaram-lhes:

«Onde está o tabaco e o ocote que vos demos?»

«Acabaram-se, Senhores», responderam.

«Os vossos dias chegaram ao fim. Ides morrer», sentenciaram os Ajawab de Xibalbá, Senhores do Inferno.

Foram despedaçados e sepultados. A Jun Junaipu, cortaram-lhe a cabeça e colocaram-na na forquilha de um arbusto, à beira do caminho. Logo que foi posta ali, o arbusto frutificou; ao fruto que deu chamamos agora cabaças. Com o arbusto cheio delas, já não se soube qual era a cabeça de Jun Junaipu.

Os do Inferno ficaram maravilhados com este arbusto e ordenaram que ninguém lhe tocasse nos frutos.

Certa donzela, chamada Xquic, filha de Ajaw Cuchumaquic, ouviu contar como tinha frutificado aquele arbusto seco e ficou curiosa de contemplar o prodígio. Vendo o arbusto carregado de frutos, disse para si mesma:

«Não me irei embora sem provar tais frutos. Não vou morrer por causa disso».

Interrompendo-lhe estes pensamentos, a cabeça que estava no arbusto falou:

«Desejas esta fruta de todo o coração?»

«Sim, desejo», respondeu a donzela.

«Pois estende a mão direita», disse a caveira.

Xquic estendeu a mão e logo recebeu nela um jacto de saliva, mas ao olhar a palma não viu coisa alguma. Disse-lhe a caveira:

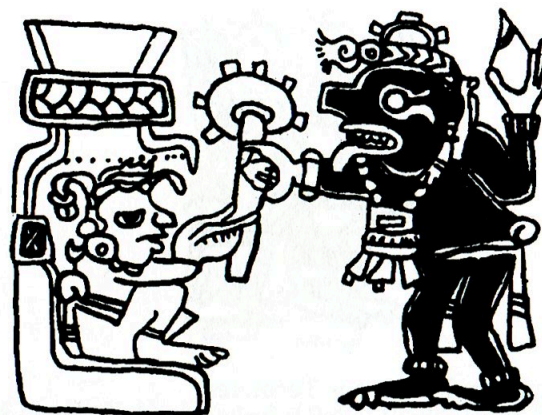
«Esta saliva que te lancei é o sinal de descendência que de mim deixo. Vai, sobe à terra e ao mundo e não morrerás».

Isto assim foi disposto e mandado pela sabedoria de Furacão, de Chipi Caculiá e de Raxá Caculiá, que são o Coração do Céu.

Regressou a donzela a sua casa e por virtude daquela saliva concebeu dois varões: Junaipu e Xbalamqué. Passados seis meses, o pai, Cuchumaquic, reparou no seu estado. Reuniu em conselho todos os Ajawab e sentenciou:

«Esta minha filha procedeu com desonestidade».

O tribunal ordenou que a levassem para longe e lhe tirassem a vida.

«Pai e senhor meu, nunca conheci varão», protestou ela.

Cuchumaquic não acreditou nas razões da filha. Chamou os quatro Ajawab Tucur, os quatro Senhores Tecolotes e disse--lhes:

«Tomai esta minha filha desonesta, sacrificai-a e trazei-me o seu coração numa cabaça».

Os mensageiros levaram a donzela. Levaram também uma cabaça e uma faca afiada.

A jovem implorava aos Tecolotes:

«Não me tirem a vida. Acreditem em mim: ao passar junto do arbusto onde estava a cabeça de Jun Junaipu, a caveira lançou-me um jacto de saliva na palma da mão, e não aconteceu mais nada».

«Bem queríamos poupar-te a vida», disseram eles, «mas que haveremos de levar na cabaça aos Senhores? Tu sabes o que nos foi ordenado: que te sacrificássemos e arrancássemos o coração».

«Está bem», disse ela, «mas a partir de agora o vosso ofício será anunciar a morte. O meu coração não será queimado diante dos Ajawab. Deitai na cabaça o que jorrar desta árvore».

Saiu um líquido vermelho como sangue. Ao ser recolhido na cabaça coagulou-se e fez-se uma bola parecida com um coração.

Os mensageiros levaram aos Senhores aquele coágulo em vez do coração da donzela Xquic e esta dirigiu-se para Ulew, a Terra.

Jum Camé e Jukub Camé tomaram a cabaça e ergueram com três dedos aquela massa coalhada a escorrer sangue. Depois mandaram avivar o fogo e queimaram-na. Suave fragância exalava aquele líquido ao arder, e com isso todos ficaram maravilhados.

Os Tecolotes voltaram a Ulew, a Terra, deixando enganados os Senhores do Inferno, os Ajawab de Xibalbá.

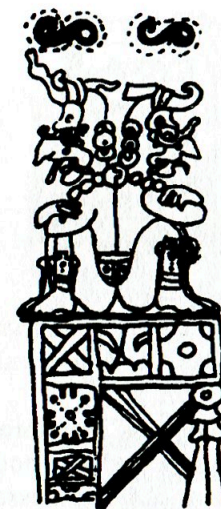
Xmucané, avó de Jun Batz e Jun Chowen, estava em sua casa quando chegou a donzela Xquic e lhe disse:

«Senhora, aqui estou, pois sou tua nora e a mais nova das tuas filhas».

«De onde vens tu? Meus filhos morreram, mas se em verdade és minha nora, vai à *milpa* (milheiral) dos meus netos e traz este saco cheio de milho».

«Assim seja», disse Xquic e levou o saco.

Foi-se a donzela ao milheiral de Jun Batz e Jun Cowen, mas ali só havia dois ou três pés de milho inteiros. Aflita, invocou o auxílio do Senhor Guardião dos Alimentos, colheu as barbas de uma maçaroca, sem arrancá-la, e meteu-as dentro do saco, que no mesmo instante pareceu ficar cheio de milho. Ao chegar junto da casa, fingiu carregar o saco a duras penas, e a velha, vendo aquele grande saco, julgou que Xquic tinha acabado com o milheiral. Quando lá chegou, porém, achou-o inteiro. Ao regressar disse à donzela:

«Este sinal basta: és minha nora».

Xquic teve dois filhos: Junaipu e Xbalamqué.

Jun Batz e Jun Chowen não gostavam deles. Davam-lhes maus tratos. Também aborreciam a avó Xmucané.

Todos os dias os jovens tinham que trazer pássaros, caçados com as suas fundas e zarabatanas. Os irmãos comiam--nos e não lhes davam nada.

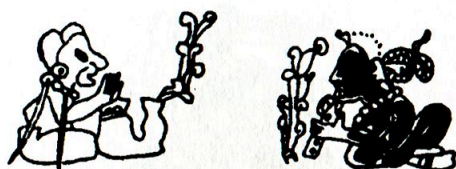
Certo dia aconteceu chegarem os rapazes de mãos vazias: não traziam nem um pássaro. A avó ralhou-lhes, mas eles disseram:

«Muitos pássaros matámos, Senhora, mas ficaram nas árvores por sermos pequenos e não podermos apanhá-los. Se os nossos irmãos fossem connosco, podiam tirá-los».

«Está bem», disseram Jun Batz e Jun Chowen, «amanhã iremos convosco».

Ao amanhecer, chegaram junto de uma árvore grande, sobrevoada por grande multidão de pássaros. Caçaram muitos com as zarabatanas. Depois Jun Batz e Jun Chowen treparam à árvore, mas o tronco engrossou de tal maneira que já não puderam descer. Os irmãos então disseram-lhes:

«Atai as vossas faixas pela barriga, passai-lhes as extremidades para trás, por entre as pernas, deixai-vos cair».

Assim fizeram. As faixas transformaram-se em caudas e eles em macacos.

De regresso a casa, Junaipu e Xabalamqué disseram à avó: «Senhora, que terá acontecido a nossos irmãos? Mudaram de feições e transformaram-se em animais. Vamos tentar atraí-los, mas em caso algum poderá rir-se quando os vir».

Saíram para o monte e começaram a tocar as flautas e tambores e a cantar a moda de Junaipu Coy, o Macaco de Junaipu. Atraídos pela música, Jun Batz e Jun Chowen vieram bailando ao som dos instrumentos.

Vendo suas feias caras, seus tiques, macaquices e visagens, a velha não conseguiu conter o riso. Corridos, Jun Batz e Jun Chowen fugiram para os montes.

Junaipu e Xbalamqué voltaram a atrair os irmãos com o canto e as flautas, mas a velha, vendo-lhes as barrigas e as caudas, tornou a rir-se e eles voltaram outra vez para o monte.

Tornaram a chamá-los com flautas e tambores. Os macacos não resistiram ao apelo e regressaram de novo, mas como a velha não podia conter o riso, voltaram ao monte e nunca mais foram vistos.

Desde a antiguidade que flautistas, cantores, pintores e entalhadores invocam e chamam em seu auxílio Jun Batz e Jun Chowen, transformados em macacos pela sua soberba e por haver maltratado os irmãos Junaipu e Xbalamqué.

Ficando os dois rapazes com a mãe e a avó, realizaram muitos prodígios e maravilhas.

O que procuraram fazer primeiro foi a sua *milpa,* e assim falaram:

«Não tenhais pena. Nós aqui estamos para que não vos falte nada. Vamos semear um milheiral».

Tomando as enxadas, os machados e as estacas de semear, pediram à avó:

«Senhora, quando for meio-dia levai-nos comida».

Ao chegar às paragens onde o milheiral iria ser plantado, desferiram uma machadada numa árvore e esta veio abaixo, arrastando na sua queda todas as outras árvores.

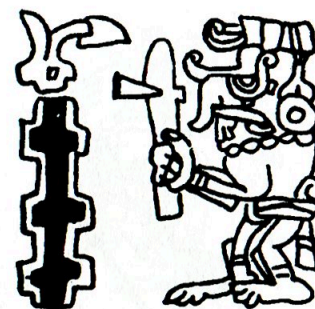
Ao golpear o chão com a enxada, a terra ia-se lavrando e cultivando. Era coisa de maravilhar ver as árvores tombar da montanha a uma só machadada e a terra lavrar-se a um só golpe de enxada.

Chamaram Xmucur, o pombo turquez, e disseram-lhe: «Nossa avó virá trazer-nos de comer; quando ela chegar, canta, e assim nos avisarás para que tomemos a enxada e o machado».

A ave disse que sim.

Os rapazes entretiveram-se a disparar badoques com as zarabatanas. Quando o pássaro cantou, um deles espalhou aparas de madeira sobre a cabeça, pegou no machado e fingiu que trabalhava.

O outro encheu as mãos de terra, pegou na enxada e também fingiu que estava a trabalhar.

A avó chegou e os rapazes comeram como se tivessem trabalhado muito. Depois regressaram a casa.

Quando voltaram à sua *milpa* no dia seguinte, constataram que todas as árvores estavam outra vez de pé, redivivas, e toda a terra por cultivar, como antes.

Cravaram de novo o machado nas árvores, derrubando-as, e de novo plantaram o milheiral.

Aos golpes da enxada, toda a terra se cultivou de novo, e os rapazes disseram:

«Esta noite ficaremos de vela. Talvez consigamos surpreender quem nos faz dano».

Armaram-se, dirigiram-se para a roça e, escondendo-se, ficaram de atalaia.

À meia-noite, juntaram-se todos os animais.

«Erguei-vos, árvores! Levantai-vos, trepadeiras!», sussurravam.

Os animais grandes e pequenos moveram-se debaixo das árvores e foram-se aproximando do sítio onde Junaipu e Xbalamqué estavam escondidos. Um puma e um jaguar passaram em frente deles, mas não se deixaram apanhar.

Um veado e um coelho também passaram, e desta vez já os rapazes se afoitaram a capturá-los.

Junaipu e Xbalamqué agarraram-nos pelas caudas que se quebraram e lhes ficaram nas mãos: por isso são pequenas as caudas do veado e do coelho.

Não conseguiram apanhar o lince, nem o coiote; tão-pouco puderam deitar a mão ao texugo e ao javali.

E os seus corações rebentavam de cólera.

Finalmente, passou-lhes ao alcance um rato saltitante. Lançaram-lhe a rede, chegaram-lhe fogo à cauda e, apertando-lhe pescoço, preparavam-se para o estrangular (é essa a causa de os ratos terem os olhos esbugalhados e não possuírem pêlo na cauda). Disse-lhes o rato:

«Não me matem, que o vosso ofício não é fazer *milpa*. Devem saber que os bens de vossos pais Jun Junaipu e Wukub Junaipu estão guardados no sotão da casa: são os instrumentos com que jogavam a bola. Agora dêem-me de comer».

Como comida, os rapazes indicaram-lhe o milho, o feijão, o cacau e outros alimentos conservados nas casas.

Chegados a casa, com rato escondido, pediram de comer e beber à mãe e à avó, que lhes serviram tortilhas e um guisado de pimentos e tomates chamado *chirmol*.

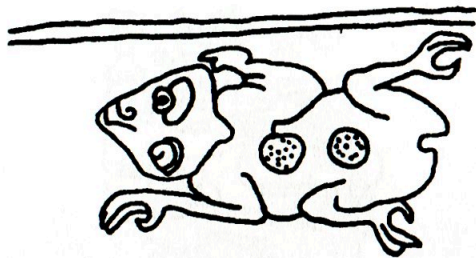
Os rapazes esgotaram toda a água que o pote continha e disseram à avó:

«Muita sede temos. Ande, Senhora, traga mais água».

A avó pegou no pote que Xan, o Mosquito, andara sobrevoando e dirigiu-se ao arroio. Ali, viu que havia um buraco no pote por onde escorria a água. Procurou tapá-lo, mas não conseguiu.

Mais tarde, os rapazes mandaram a mãe saber porque motivo a avó não chegava com a água.

Enquanto comiam, o rato subiu ao sotão e ao roer o cordel caíram os apretechos de jogo. Os rapazes recolheram-nos e esconderam-nos.

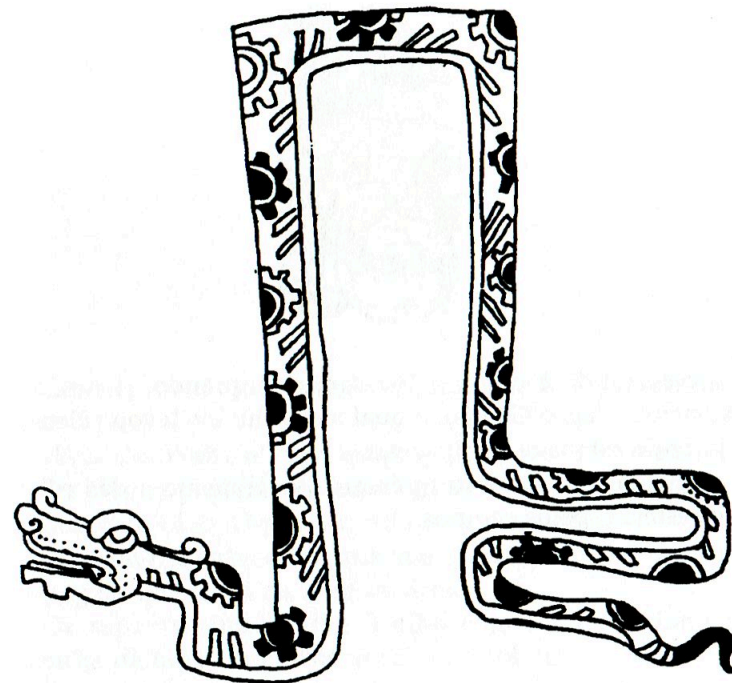
Depois foram ao arroio onde se encontravam a mãe e a avó, taparam o buraco do pote e regressaram juntos a casa.

Muito alegres, os jovens começaram a jogar a bola no recinto de jogo de seus pais. Os Ajawab de Xibalbá, Senhores do Inferno, ouviram o ruído das corridas e do bater da bola e mandaram os Ajawab Tucur, Senhores Tecolotes, seus mensageiros, chamá-los. A avó ficou encarregada de avisá-los. Aflita, a velha mandou um piolho comunicar a ordem aos netos. O piolho encontrou sentado no caminho Tamazul, o Sapo, que lhe perguntou:

«Onde vais?»

«Levo um recado para os rapazes que estão a jogar a bola na praça», respondeu o piolho.

E disse-lhe o sapo: «Vejo que vais cansado e não podes correr. Olha como corro: se quiseres, posso engolir-te e levar-te».

«Está bem», concordou o piolho.

O sapo engoliu o piolho e começou a correr.

Já cansado de caminhar, Tamazul, o Sapo, encontrou Zaquicaz, a Cobra, que lhe perguntou:

«Onde vais, Tamazul?»

Ao que o sapo respondeu: «Vou dar um recado e levo-o no meu ventre».

«Vejo que estás cansado», disse a cobra, «e não podes caminhar; vem cá, deixa-me engolir-te e vais ver como chegas depressa».

Dito isto, a cobra engoliu o sapo. Desde então, a cobra tem os sapos por comida e sustento.

Ia correndo a cobra o seu caminho quando, já cansada, encontrou Wac, o Gavião, o qual a engoliu e a levou célere ao sítio onde estavam os rapazes.

Desde então que estes pássaros se alimentam das cobras que rastejam pelos campos.

Estavam os rapazes a jogar a bola quando a ave cantou e disse:

«Wac c'o, Wac c'o! Aqui está o gavião, aqui está o gavião!»

Os jovens pegaram na zarabatana e dispararam-lhe um bodocazo no olho. O pássaro caiu no chão e disse:

«Curem-me este olho que me vazaram e dar-vos-ei a mensagem que trago no meu ventre».

Os rapazes curaram-lhe o olho com um pedacinho de borracha da bola e o gavião vomitou a cobra.

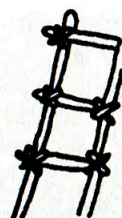
Dirigiram-se a Zaquicaz, a Cobra:
«Diz a mensagem que trazes».
«Tenho-a no ventre», respondeu ela e vomitou o sapo.
Ordenaram ao sapo: «Diz lá a tua mensagem».

«Trago-a aqui, no meu estômago», disse Tamazul, o Sapo.

Queria vomitar, mas não conseguia lançar o piolho cá para fora, pelo que os indignados rapazes lhe deram um pontapé e lhe rasgaram a boca, ao tentar abri-la. É por isso que desde então os sapos têm as nalgas caídas e a boca rasgada. Por fim, conseguiram extrair o piolho que estava retido nos dentes do sapo e ordenaram-lhe:

«Anda, diz lá a tua mensagem!»

Finalmente, o piolho comunicou-lhes o aviso da avó, e depois os rapazes foram despedir-se dela e da mãe, plantaram canas no pátio da casa em sinal da sua existência e encaminharam-se para Xibalbá, o Inferno.

Vem daí o costume da plantar canas no pátio das casas.

Os rapazes levaram consigo as zarabatanas, tomaram o caminho de Xibalbá, o Inferno, e desceram rapidamente os degraus empinados. Atravessaram dois rios, um de matéria e outro de sangue, sem molhar os pés neles, mas passando sobre pontes formadas por zarabatanas. Chegaram à encruzilhada de quatro caminhos: um branco, outro negro, outro amarelo e outro verde.

Enviaram Xan, o Mosquito, averiguar o nome dos Ajawab de Xibalbá, Senhores do Inferno, dizendo-lhe:

«Vai e morde todos os Senhores sentados. A partir de agora a tua comida será o sangue dos que picares no caminho».

Quando o mosquito os picou, todos os Ajawab revelaram os seus nomes, ao perguntar uns aos outros quem os tinha picado. Xan, o Mosquito, voltou e repetiu os nomes a Junaipu e Xbalamqué, os quais se dirigiram ao sítio onde se encontravam os Senhores.

A bem da verdade, deve dizer-se que Xan não era realmente um mosquito, mas um pêlo da cara de Junaipu. Este deu-lhe aquela forma para que pudesse descobrir o nome dos Senhores.

Os rapazes disseram aos Ajawab de Xibalbá, Senhores do Inferno:

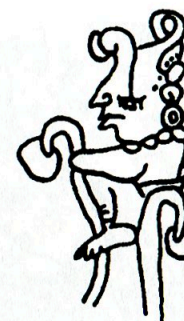
«Aos dois primeiros da fila não saudamos porque são bonecos de madeira e trapo, mas a vós sim: Jun Camé e Wukub Camé, Xiquiripat e Cuchumaquic, Ajalpui e Ajalk'aná, Ajalmez e Ajaltok'ob, Chamiabac e Chamiajolom, Quicxic e Patan, Quicré e Quicrixcac. E tu, Solomán, que estás sentado num banco».

Assim falaram, saudando-os a todos e nomeando-os pelos seus nomes, sem esquecer nenhum.

Os Ajawab não gostaram nada disto e convidaram-nos a sentar-se.

«Isso não», recusaram os rapazes, «esse assento é pedra fervente; não nos sentamos nela».

«Bem», resignaram-se os Senhores, «vão descansar na pousada».

Por ordem dos Senhores, foram conduzidos à Casa Escura, onde lhes levaram dois ocotes e dois charutos e os avisaram que deviam mantê-los acesos toda a noite e devolvê-los inteiros pela manhã. Pegaram em duas penas da cauda de um papagaio guacamaio e puseram-nas nos ocotes; nas pontas dos charutos, colocaram dois vagalumes. Ocotes e charutos toda a noite parecia que ardiam.

Os Senhores ficaram muito admirados de ver os charutos e os ocotes inteiros e convidaram os rapazes a jogar a bola. Primeiro jogaram com uma cabeça de puma, depois com a bola de cauchú de Junaipu e Xbalamqué.

Após muito cavilar sobre a maneira de vencer os rapazes, os Ajawab disseram-lhes:

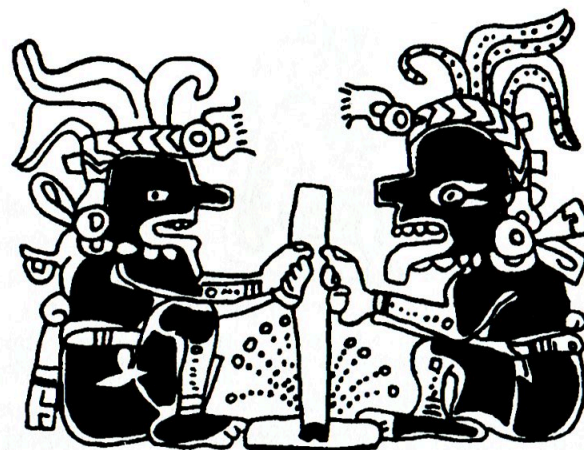
«Tomem estes quatro vasos e amanhã tragam-nos cheios de flores».

E levaram-nos à Casa das Navalhas de Chay, mas estas não lhes fizeram dano. Os rapazes tinham-lhes dito: «Em troca de não nos tocarem, podereis de futuro ferir todas as carnes do mundo».

Chamaram os rapazes todas as formigas, que foram à horta, apanhando os guardiães distraídos, e colheram e trouxeram as flores.

Os mensageiros de Xibalbá, o Inferno, disseram aos moços: «Os Senhores ordenam que lhes levem já as flores».

Assim fizeram, oferecendo-lhes quatro vasos cheios de flores.

Os Ajawab chamaram os guardiães e ralharam-lhes por terem deixado colher as flores. Castigaram-nos, rasgando-lhes a boca.

Os Ajawab, os Senhores, jogaram um pouco a bola com os rapazes e combinaram prosseguir o jogo no dia seguinte.

Naquela noite meteram-nos na Casa do Frio, mas os jovens amanheceram bons e sãos; fazendo uma fogueira com lenha, eles próprios deram luta ao frio gélido que reinava na casa.

Pela manhã, os guardas vieram ver se já tinham morrido, e os Senhores desesperaram ao ver que não podiam vencê-los, cada vez mais maravilhados com os prodígios de Junaipu e Xbalamqué.

Outra noite mandaram-nos para a Casa dos Jaguares, onde havia uma infinidade destes animais.

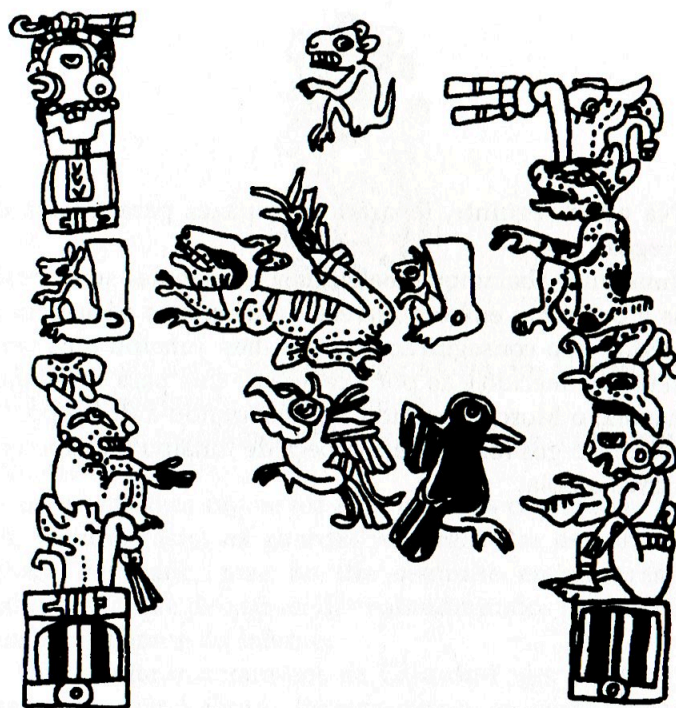
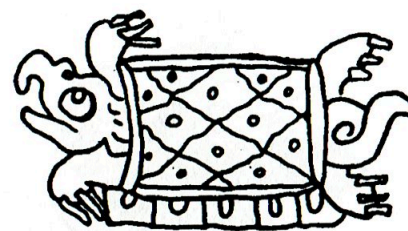
«Não nos mordam», ordenaram-lhes, «a vossa comida serão ossos».

Lançaram-lhes uns ossos e os jaguares começaram a roê--los. Ouvindo isto, os guardas julgaram que os animais os tinham devorado, mas no dia seguinte encontraram-nos incólumes, o que deixou ainda mais admirados os Ajawab de Xibalbá, Senhores do Inferno.

Outra noite meteram-nos na Casa do Fogo, mas este não lhes causou dano algum. Pelo contrário, na manhã seguinte ainda estavam mais formosos.

Na noite seguinte, levaram os rapazes para a Casa dos Morcegos.

Junaipu e Xbalamqué meteram-se dentro das suas zarabatanas a dormir, e embora nuvens de morcegos adejassem em seu redor, não conseguiram morder-lhes. Junaipu quis ver se já tinha amanhecido e ao pôr a cabeça de fora para se certificar, Camazotz, o Morcego, cortou-lha, separando-a do corpo.

Os morcegos foram pôr a cabeça de Junaipu no pátio onde se jogava a bola.

Xbalamqué chamou o coati, o porco e todos os grandes e pequenos animais para que o ajudassem a salvar Junaipu e nenhum faltou à chamada.

O último a chegar foi Coc, a Tartaruga. Veio aos tombos, balanceando-se de um lado para o outro, caminhando com dificuldade. Xbalamqué pegou nela e desenhou-lhe na cabeça a cabeça de Junaipu, a qual, depois de feitos os olhos e a boca, ficou perfeita.

Tudo foi feito com muita sabedoria porque assim o dispôs Uc'ux Caj, o Coração do Céu.

Terminada a cabeça, colocaram-na no corpo de Junaipu e este pôde falar.

Enquanto estavam a fazer a cabeça de Junaipu e vendo que já clareava, mandaram a C'uch, a aura, que escurecesse a manhã e ela fê-lo abrindo as asas. Embora quatro vezes tivesse amanhecido, quatro vezes as asas abertas da ave escureceram o dia.

Ainda hoje, quando a aura abre as asas de noite, considera-se sinal de que vai amanhecer.

Ao romper do dia, os dois rapazes já estavam bons.

Posta a cabeça de Junaipu no pátio, os Senhores foram celebrar a derrota dos rapazes com um jogo de bola.

Xbalamqué bateu fortemente a bola que foi cair junto de um tomatal onde estava um coelho. Aconselhado por Xbalamqué, o coelho fugiu a correr e os Senhores atrás dele, julgando que era a bola.

O pátio ficou deserto e Xbalamqué pegou na cabeça de Junaipu e colocou-a no corpo, trocando-a pela cabeça da tartaruga.

De regresso, era grande a admiração dos Senhores ao ver a prodigiosa metamorfose de Junaipu.

Junaipu e Xbalamqué passaram por todos estes castigos e em nenhum deles morreram, até que por fim os Ajawab de Xibalbá, Senhores do Inferno, fizeram uma grande fogueira numa fossa e chamaram-nos. Junaipu e Xbalamqué colocaram-se em frente um do outro e, estendendo os braços, deixaram-se cair sobre o fogo.

Moeram-lhes os ossos e lançaram o pó resultante à corrente do rio, mas a água não o levou: ao ir ao fundo, o pó transformou-se em dois jovens formosos.

Os mancebos manifestaram-se várias vezes. Ao quinto dia, os do Inferno avistaram-nos sobre as águas, quais homens--peixes, e embora os procurassem, não conseguiram achá-los. Finalmente, apareceram com traje de pobres, sujos e andrajosos, executando jogos e bailes como o do Pujuy, o Mocho, o do Cux, a Doninha, o do Iboy, o Tatu, o do Xtzul, a Centopeia, e o do Chitic, o Caminhante sobre Andas. Queimavam animais, pessoas ou outra coisa qualquer e voltavam a deixá-los sãos e em bom estado; também se despedaçavam e voltavam a reviver inteiros.

Os de Xibalbá ficaram muito admirados ao ver semelhantes prodígios e levaram a notícia a Jun Camé e Wukub Camé, que despacharam mensageiros para que os rapazes fizessem os prodígios à sua frente.

Junaipu e Xbalamqué não queriam ir, mas os mensageiros obrigaram-nos a ir à força.

«Façam as vossas danças e jogos», ordenaram-lhes os Ajawab de Xibalbá.

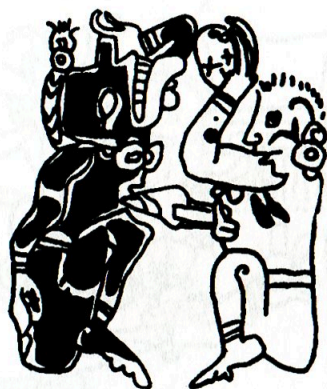
Iniciaram os bailes e os cantos, e todos os do Inferno vieram vê-los.

E disse-lhes um Ajaw:

«Despedaçai este meu cão e voltai a ressuscitá-lo».

Despedaçaram o animal, ressuscitaram-no e o cão agitava a cauda, muito contente por voltar a viver.

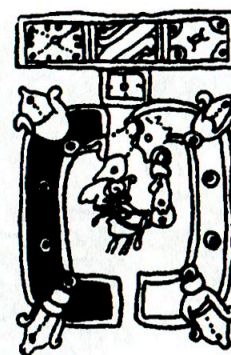
«Queimai esta minha casa», ordenou outro dos Ajawab.

Os rapazes queimaram a casa com toda a gente lá dentro, mas ninguém se queimou e voltaram a deixá-la como estava antes.

«Eia», disseram, «pegai num homem destes, despedaçai-o e ressuscitai-o».

Agarraram num dos que estavam a olhar, fizeram-no em pedaços e num ápice ressuscitaram-no inteiro.

«Eia, agora despedaçai-vos a vós próprios», mandaram os Ajawab.

Xbalamqué despedaçou Junaipu e voltou a ressuscitá-lo. Vendo estes prodígios, os Senhores pediram para ser despedaçados e ressuscitados. Os rapazes despedaçaram-nos, mas não voltaram a ressuscitá-los.

E assim foram vencidos os Ajawab de Xibalbá, Senhores do Inferno, por Junaipu e Xbalamqué.

Estas são as obras e façanhas de Junaipu e Xbalamqué, e esta foi a causa do pranto da avó diante das canas que deixaram semeadas, as quais secaram quando eles morreram e recuperaram o viço quando ressuscitaram. Muito se alegrou a avó quando viu as canas de novo viçosas e queimou resina copal no meio da casa. Este costume perdurou desde então.

Junaipu e Xbalamqué, depois de terem vencido os Ajawab de Xibalbá, subiram ao Céu: um foi transformado em Sol e o outro em Lua. Também subiram ao Céu os quatrocentos jovens mortos por Zipacná, os quais foram transformados em estrelas.

Havendo-se aproximado o tempo da Criação, o Ajaw Tepew e o Ajaw K'ucumatz procuraram a substância para fazer a carne do homem.

Discutiram a forma de criá-la, porque os homens passados tinham saído imperfeitos.

Quatro animais deram-lhes sinal da existência das maçarocas de milho branco e milho amarelo. Estes animais foram: Yak, o Gato Montês; Utiw, o Coiote; Quel, a Pêga, e Joi, o Corvo. Em Paxil e Cayalá encontraram o milho, muito milho branco e amarelo, e incontáveis anonas, ameixas, sapotas, nanças e outras espécies de frutas. Havia mel, *pataxte* e cacau por toda a parte.

Com o milho branco e amarelo, a avó Xmucané fez nove beberagens de cuja mistura saiu a carne e a gordura dos homens, e desta mesma mistura foram feitos os seus braços e pés.

De milho foram formados, pelos Senhores Tepew e K'ucumatz, os nossos primeiros pais e mães.

Os primeiros homens criados foram: Balam Quitzé, o Jaguar do Suave Sorriso; o segundo, Balam Ak'ab, Jaguar da Noite; o terceiro, Majucutai, Não Polido; o quarto, Iqui Balam, Jaguar da Lua.

Grande foi a sabedoria dos primeiros homens, viram tudo quanto no mundo havia e acabaram por tudo saber. Não pareceu bem aos Criadores que os homens soubessem tanto. O Coração do Céu lançou-lhes nos olhos o bafo da sua boca, para que só pudessem ver o que está perto.

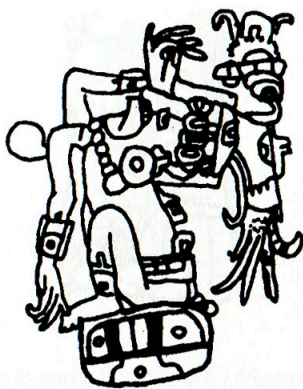
Grande foi o deleite que sentiram quando acordaram e cada um viu uma mulher a seu lado. Eis os seus nomes:

A mulher de Balam Quitzé chamava-se Cajá Paluná, Água Parada que Cai do Alto.

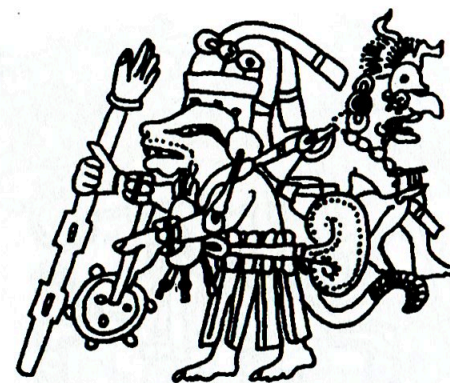
A segunda chamava-se Chomijá, Água Formosa e Escolhida, mulher de Balam Ak'ab.

A terceira chamava-se Tzununijá, Água de Colibris, mulher de Majucutai.

K'aquixajá, Água de Guacamaya, era o nome da mulher de Iqui Balam.

Aqueles quatro homens foram os nossos primeiros pais, e estes são os nomes das mulheres de onde nós, os Quichés, descendemos.

Muitos multiplicaram-se no Oriente, ainda no tempo das trevas, antes de brilhar o Sol e haver luz; os Senhores Ajawab oravam constantemente, erguendo as faces para o céu:

«Oh, Tu, Criador e Formador! Ouve-nos, olha-nos, não nos deixes, não nos desampares! Tu, Coração do Céu e da Terra! Dá-nos descendência para sempre! Quando amanhecer, dá-nos bons e desafogados caminhos, dá-nos paz quieta e tranquila, dá-nos vida digna e costumes e ser. Tu, Furacão, Chipi Caculiá, Raxá Caculiá, Tepew, T'ucumatz, que nos engendraste, nos fizeste vossos filhos!»

Balam Quitzé, Balam Ak'ab, Majucutai e Iqui Balam eram quem fazia todas estas preces e orações.

Nesses tempos, os nossos primeiros pais não tinham ídolos de madeira nem de pedra. Como desejavam possuí-los, chegaram a um lugar chamado Tulán, seguidos de grande multidão de povo, onde os encontraram.

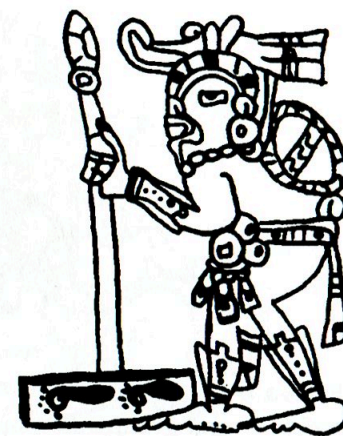
Um mensageiro de Xibalbá, o Inferno, anunciou-lhes:

«Este é o vosso ídolo; em verdade vos sustentará, substituto autêntico do vosso Criador e Formador».

O primeiro ídolo a aparecer foi Tojil; levou-o Balam Quitzé colocado num *cacaxte* (caixa de madeira) pendurado nas suas costas.

Apareceu a seguir o ídolo Awilix e levou-o Balam Ak'ab.

O terceiro foi o ídolo Jacawitz e levou-o Majucutai.

Nic'aj Tak'aj se chamava o ídolo levado por Iqui Balam.

Os Quichés, os de Tamub e os de Ylocab, que eram as três parcialidades quichés, acompanharam Tojil.

E então seguiram-nos todos os povos, os de Rabinal, os Cachiqueles, os de Tziquinajá, e também os que se chamam agora Yaqui.

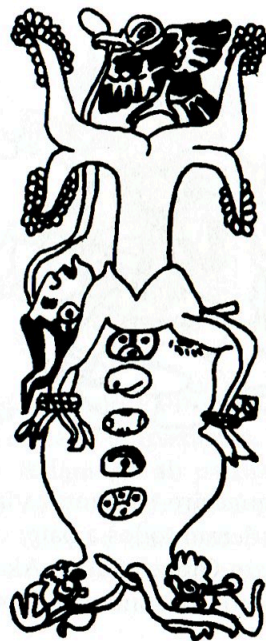
Muitos, a gente negra e a gente branca, saíram da aldeia de Tulán; mudou-se-lhes a linguagem e começaram a falar línguas diferentes, de modo que não se entendiam.

Ainda não dispunham de fogo; Tojil criou-o para eles, para grande satisfação dos povos, muito contentes com o calor que o fogo proporcionava.

Estava o fogo alumiando e ardendo, quando um grande aguaceiro e uma granizada o apagaram.

Balam Quitzé e Balam Ak'ab pediram outra vez fogo a Tojil, e este, dando voltas e esfregando o *caite* (sandália) no chão, criou fogo de novo, e com isso Balam Quitzé e Balam Ak'ab, Majucutai e Iqui Balam se aqueceram e receberam muito consolo.

Com o grande aguaceiro e a granizada apagara-se o lume dos demais povos e vieram todos a bater o dente, tiritando de frio, pedir fogo a Balam Quitzé, Balam Ak'ab, Majucutai e Iqui Balam. Estes deram-lho, na condição de se lhes unirem, e os povos aceitarem.

Houve um povo que não quis pedir o fogo, o dos Cachiqueles; protegidos pelo fumo, preferiram roubá-lo.

Só se deram por vencidos os povos que pediram o fogo e sacrificaram o sangue, extraído dos seus costados e sovacos, a Tojil.

Assim lhes indicou Tojil como devia ser tirado o coração nos sacrifícios.

Saindo dali, do Oriente, disse-lhes Tojil:

«Não é aqui a nossa pátria. Vamos ver onde devemos povoar e semear. Que todos dêem graças».

Furaram as orelhas e os cotovelos, trespassando-os com paus, e este sangue foi o sinal da sua gratidão para com os deuses.

Ao despedir-se de Tulán, foi grande o pranto que verteram, velando a estrela que tinham por sinal do nascimento do Sol.

Atravessaram o mar, por entre as águas divididas, e passaram por cima de umas pedras.

Todos sentiam grande tristeza e praticavam jejuns, assim como abstinência sexual absoluta, quando os ídolos lhes falaram:

«Escondam-nos e ide-vos daqui, pois que se aproxima o amanhecer».

Os ídolos foram escondidos nos barrancos.

Estavam nesta confusão quando viram brilhar o luzeiro Icok'ij, Vénus, anúncio e guia do Sol; muito alvoroçados, queimaram *pom* (copal) que tinham trazido do Oriente.

No momento em que nasceu o Sol, alegraram-se todos os animais pequenos e grandes. O primeiro a cantar foi Queletzu, o Papagaio.

Não houve animal que não se alegrasse, as aves abriram as asas e todos dirigiram o olhar para onde nasce o Sol.

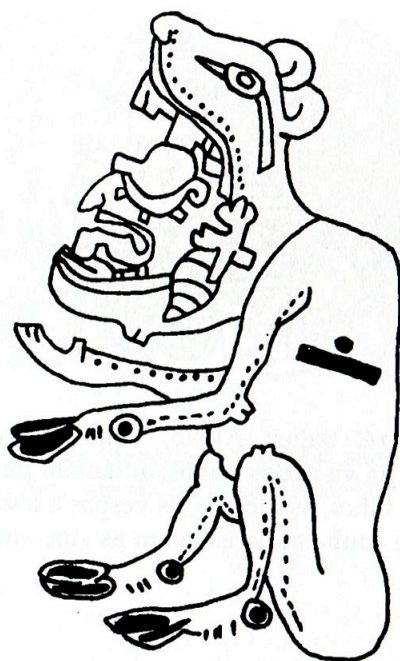
Balam Quitzé, Balam Ak'ab, Majucutai e Iqui Balam, queimando copal e bailando, dirigiram-se para o lugar onde nascia o Sol, derramando lágrimas de contentamento.

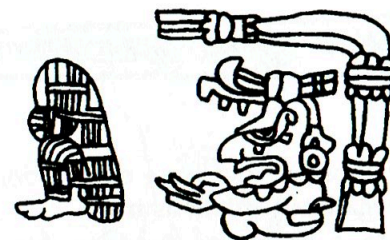
Awilix e Jacawitz, ídolos de Tojil, tansformaram-se depois em pedra.

Encontravam-se no cerro Jacawitz quando amanheceu.

Começaram então a procurar as corças e as fêmeas dos pássaros para oferecê-las aos ídolos.

Os Sacrificadores ofereciam a Tojil o sangue da garganta dos animais, colocavam-na na boca do ídolo e a pedra falava.

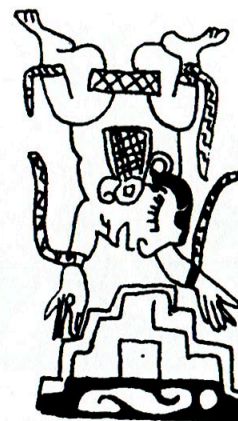
Balam Quitzé, Balam Ak'ab, Majucutai e Iqui Balam desapareceram da vista dos povos; andavam pelos cerros com as mulheres, os filhos, as moscas, as vespas e favos de mel para comer, e não se soube onde estavam as suas moradas.

Nos altos cerros, ouviam-se os gritos dos linces, coiotes, jaguares e pumas, os quais imitavam os Sacrificadores, inspirando muito temor a todos os povos.

A destruição dos povos iniciou-se de seguida, porque os Sacrificadores, disfarçados de animais, os sequestravam e sacrificavam aos ídolos. As tribos pensavam que os animais os tinham comido porque viam pegadas de jaguar e de outros animais.

Quando os homens começaram a ter dúvidas acerca das pegadas, reuniram-se para deliberar sobre isto e perguntaram-se:

«Que quererá dizer isto das mortes do povo, esta coisa de nos estarem matando um a um?»

Já havia muitos homens mortos quando de repente deixaram de ver as pegadas.

«Onde estarão os sacrificadores e adoradores? Queremos seguir as suas pegadas», diziam as tribos.

E começaram a seguir as pegadas dos adoradores e sacrificadores.

Os sacrificadores e adoradores Balam Quitzé, Balam Ak'ab, Majucutai e Iqui Balam sacrificavam a gente que assaltavam nos caminhos e ofereciam o seu sangue a Tojil, Awilix e Jacawitz.

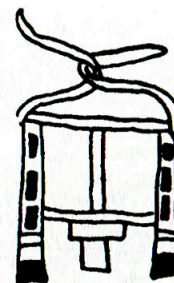
Estavam procurando as pegadas quando começou a chover, a terra ficou enlameada e não puderam seguir em frente.

As tribos afastaram-se daquele cerro onde matavam os homens pelos caminhos para sacrificá-los ao ídolo.

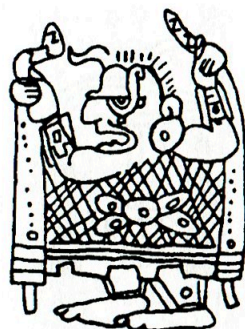
Os povos reuniram-se e discutiram sobre o que deviam fazer para vencer os sacrificadores, e a primeira coisa que determinaram foi conquistar a vontade de Tojil, Awilix e Jacawitz, que haviam sido vistos em forma de macebos quando se banhavam no rio.

Mandaram duas donzelas muito formosas, filhas de Senhores, lavar no rio para assim seduzir os dois jovens.

Foram as duas ao rio e cada uma estava nua, lavando na sua pedra, quando chegaram Tojil, Awilix e Jacawitz.

Envergonhadas, as donzelas disseram-lhes por que estavam ali, lavando, e Tojil, Awilix e Jacawitz ofereceram-lhes uma prenda para que demonstrassem aos Ajawab que os tinham visto.

Tojil, Awilix e Jacawitz dirigiram-se a Balam Quitzé, Balam Ak'ab e Majucutai, e disseram-lhes:

«Pintai num pano de linho uma imagem à semelhança do que vós sois».

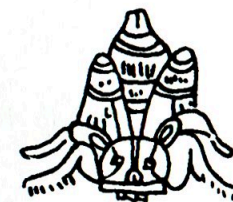
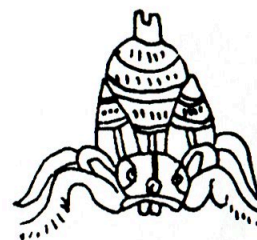
Cada um deles tomou um pano: o primeiro foi Balam Quitzé, que pintou um jaguar; o segundo Ak'ab, que pintou uma águia; o terceiro Majucutai, que pintou vespas e moscardos.

As donzelas regressaram ao sítio onde estavam os Senhores e entregaram-lhes os panos em sinal de que tinham visto Tojil. Os Senhores envergaram os panos e os que tinham pintados um jaguar e uma águia não lhes fizeram nada, mas as vespas e os moscardos do terceiro pano picaram-nos. Irados, perguntaram às donzelas:

«Que panos são estes que nos trazeis? Como chegaram às vossas mãos, desavergonhadas?»

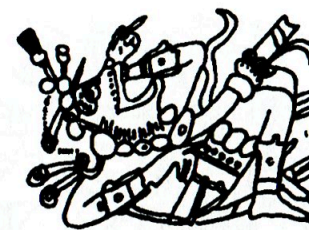
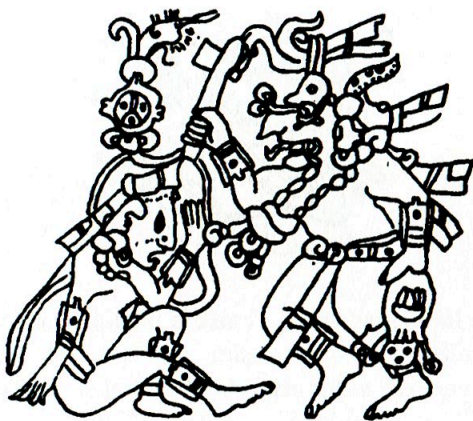
Deste modo foram vencidos os povos por Tojil.

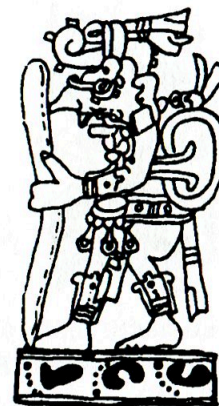
Os Senhores Ajawab juntaram-se para discutir de novo sobre o que fariam e decidiram declarar-lhes guerra. Armaram--se e saíram todos em busca de Balam Quitzé, Balam Ak'ab, Majucutai e Iqui Balam; estes tinham-se entrincheirado num cerro chamado Jacawitz, em cujo cume os quatro se encontravam com as mulheres e os filhos.

O povo das tribos, armado e adornado, e os Senhores carregados de gargantilhas e de prata, iam decididos a matá-los a todos. Chegaram ao sopé do cerro ao anoitecer e deitaram-se para dormir. Vieram Balam Quitzé, Balam Ak'ab, Majucutai e Iqui Balam e pelaram-lhes as barbas, arrancaram-lhes os olhos, tiraram-lhes os colares de prata e de esmeralda calchiuite que traziam ao pescoço.

Os quatro Ajawab ergueram uma muralha em redor da aldeia, fizeram estátuas de trapos, colocaram-nas sobre as muralhas armadas de escudos e flechas e com os adornos de prata e pedra verde que tinham roubado às tribos.

Depois de consultar Tojil, Balam Quitzé, Balam Ak'ab, Majucutai e Iqui Balam puseram moscardos e vespas entre quatro cabaças e colocaram-nos em volta da aldeia.

Acorreu imensa multidão que vinha no exército das tribos; gritavam e gesticulavam, enquanto montavam apertado cerco à aldeia.

Assobiando e dando muitas palmas, em sinal de destemor, aproximaram-se da aldeia, mas os quatro Senhores, imóveis, estavam atentos a todos os movimentos do povo das tribos.

Ao destapar as quatro cabaças, saíram os moscardos e vespas em tal quantidade que pareciam fumo; carregando sobre toda a gente, foram-se direitos aos olhos, às bocas, aos narizes, aos braços e às pernas, picando-os por toda a parte. Fervia bicharada sobre os soldados.

Quando os soldados já estavam num estado que pareciam borrachos, largaram as flechas e os escudos e espalharam-nos pelo chão. Balam Quitzé e os outros distribuíam paulada pelos soldados, matando muitíssimos. Aos que não mataram, fizeram-nos seus vassalos.

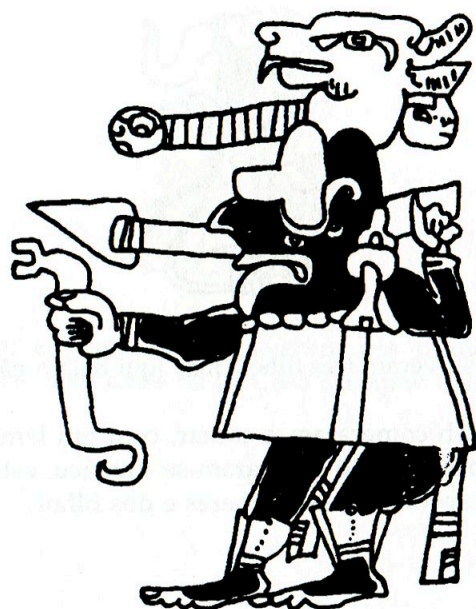
Foi deste modo que os nossos primeiros pais submeteram os povos.

Balam Quitzé e os outros três, ao conhecer que era chegado o seu fim, puseram as suas coisas em ordem e despediram-se das mulheres e dos filhos.

Foram dois os filhos que tiveram Balam Quitzé e Cajá Puná: um chamou-se Cocaib e o outro Cocawib, e destes descendem os da Casa de Cawec.

Balam Ak'ab teve dois filhos da sua mulher Chomijá: Coacul e Coacutec, e foram fundadores da Casa de Nijaib.

Majucutai e Tzununijá só tiveram um filho, chamado Coajaw. Descendem deles os da Casa do Ajaw Quiché.

Estes três tiveram três filhos, mas Iqui Balam não teve filho algum.

Os Ajawab começaram a cantar, com um lamento muito terno. Canto e lamento chamaram-se Camacu, estando todos juntos ao despedir-se das mulheres e dos filhos.

Despedindo-se deles, disseram-lhes:

«Escutai. Vamos partir para as nossas aldeias e não voltaremos. O Ajaw dos Veados, símbolo de despedida e desaparição, já se manifestou no céu. Chegaram ao fim os nossos dias. Cuidai das vossas casas e das vossas terras e voltai ao lugar de onde viemos.»

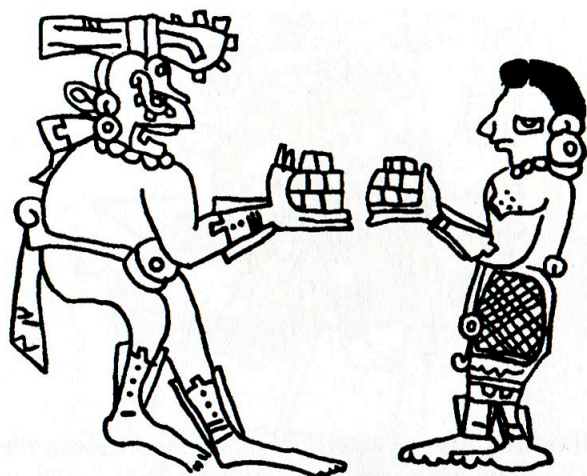
Deram-lhes umas vestes fechadas, cosidas a linhas, chamadas *grandeza envolta*, e disseram-lhes: «Isto vos deixamos em vossa memória e nisto consistirá a vossa grandeza e senhorio».

Assim falando, desapareceram, e foi este o fim daqueles quatro Ajawab chamados os Venerados, que vieram do Oriente, do outro lado do mar.

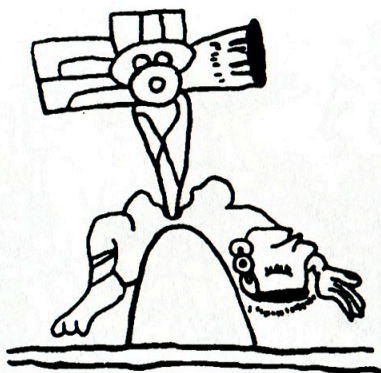
E nunca mais se soube nada de Balam Quitzé, Balam Ak'ab, Majucutai e Iqui Balam.

Os filhos dos Ajawab casaram-se, tiveram descendência e, já velhos, cumpriram o mandato de seus pais e voltaram às paragens do Oriente, de onde tinham vindo.

O Ajaw que reinava no Oriente chamava-se Nacxit e o Senhor engrandeceu-os conferindo-lhes os títulos dos seus Senhorios. Quando voltaram, manifestaram aos seus povos os despachos e oferendas que lhes tinha dado o Senhor Nacxit em sinal de Senhorio e Império.

Do outro lado do mar, do Oriente, trouxeram a sua pintura e a sua escrita.

No cerro Jacawitz, morreram as mulheres de Balam Quitzé, Balam Ak'ab, Majucutai e Iqui Balam.

Muito se multiplicaram os Ajawab, e por isso tiveram que procurar outras paragens onde habitar. Mudaram-se sucessivamente para outros quatro cerros e também aí se multiplicaram e casaram seus filhos e filhas, recebendo as oferendas que lhes faziam em troca de suas filhas.

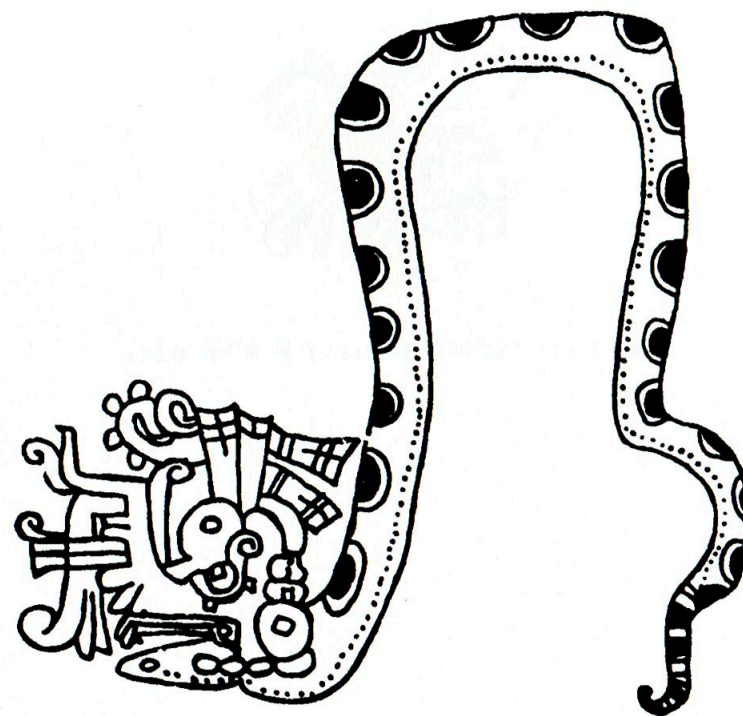
Passaram a viver no cerro Izmachi e aí construiram edifícios de pedra e cal. Na quarta geração, reinou Cotujá com o seu adjunto Xtayul, havendo três casas grandes: a do Ajaw Cawec, a do Ajaw Nijaib e a do Ajaw Quiché. Todos viviam sem pleitos nem contendas, em grande paz e tranquilidade, quando a inveja incitou os de Illocab a provocar a guerra: queriam matar Cotujá para ter Ajaw separado.

Mas o Ajaw Cotujá juntou gente e carregou sobre eles, sendo muito poucos os que escaparam; os feitos prisioneiros foram sacrificados ao ídolo.

Ali, em Izmachi, desenvolveu-se o costume de oferecer sangue à divindade.

Muitos foram os que se entregaram, caindo na escravidão.

Foi este o princípio das guerras e contendas e o princípio dos sacrifícios de homens perante o ídolo.

Foi o tempo em que os quichés afirmaram o seu império porque tinham muitos Ajawab poderosos e os povos começaram a temê-los.

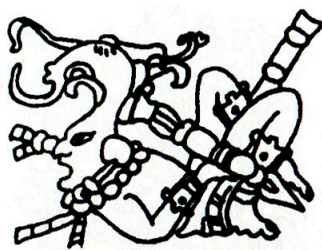
Estando em K'umarcaj, dividiram-se em vinte e quatro grandes casas: os de Cawec fundaram nove casas grandes, os de Nijaib outras nove, os Ajawab Quiché quatro e os de Zaquic duas grandes casas.

Repartidos os povos entre os Ajawab, foi grande a majestade e grandeza do reino Quiché, com todas as construções em pedra e cal.

Estes povos não foram ganhos com batalhas, mas com a grandeza dos Quichés e as maravilhas operadas pelos Ajawab, principalmente o Ajaw K'ucumatz, que sete dias subia ao céu, outros sete baixava ao inferno, outros sete se transformava em serpente,

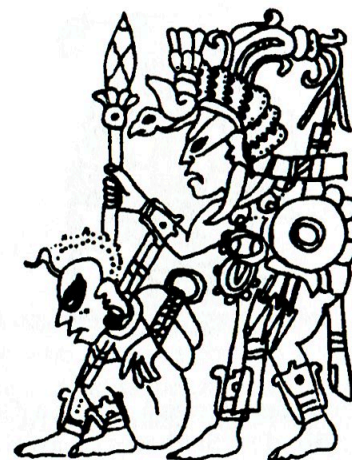
outros sete dias se transformava em águia,

outros sete dias se transformava em jaguar,

e outros sete dias se transformava em sangue coagulado.
Tais maravilhas infundiam grande respeito.

Durante o reinado do Ajaw Quik'ab, da sexta geração, os povos revoltaram-se e guerrearam-no.

Mas Quik'ab venceu os de Rabinal, os Cachiqueles e a gente de Zaculew, ficando todos subjugados.

Aos povos que não acudiam com os tributos, castigavam--nos e trespassavam-nos de flechas.

Todos os homens foram industriados nas artes da guerra para que participassem nas batalhas.

Nomearam capitães para comandar nas guerras travadas nas fronteiras e repartiram-se pelos montes.

Todos os inimigos capturados eram trazidos perante os Akawab Quik'ab e Cawizimaj, e com este exercício se tornaram valentes guerreiros, muito destros no arco e na flecha. Assim pelejavam com mais ânimo.

A casa da divindade chamava-se Casa Grande de Tojil.

A primeira acção dos Senhores Ajawab e dos povos quando vinham ver o Ajaw ou trazer-lhe os seus tributos, era ir à Casa Grande de Tojil, ofertar fruta ao deus.

Não estavam ociosos os Senhores Ajawab; jejuavam muitas vezes pelos seus vassalos, praticavam a abstinência com as mulheres e faziam muitas penitências e orações perante a divindade, prostrando-se diante dela enquanto queimavam o seu *pom*.

No tempo destes jejuns e penitências comiam algumas frutas como sapotas, mata-sãos e jocotes, sem provar tortilha. Treze jejuavam e onze mantinham-se em oração.

Grande era o jejum que faziam pelos seus vassalos em sinal do domínio que sobre eles exerciam. Oravam de dia e de noite, chorando e implorando o bem para os vassalos e para todo o Reino. Em todos esses dias não dormiam com as mulheres.

Inclinados perante o deus, diziam esta oração:

«Oh, Tu, Formosura do Dia, Tu, Furacão, Coração do Céu e da Terra, Tu, Concessor da nossa glória e dos nossos filhos e filhas! Que aumentem e se multipliquem os teus apoiantes e os que te invocam pelos caminhos, nos rios, nos barrancos, debaixo das árvores e cipós; que seus filhos e filhas não encontrem desgraçada nem infortúnio, nem sejam enganados, nem tropecem nem caiam, nem sejam julgados por tribunal algum. Não tombem nas alturas ou nos baixos do caminho, nem caiam sob a alçada da violência; põe-nos no caminho bom e formoso, que não conheçam infortúnio nem desgraça.»

«Oxalá sejam bons os costumes dos que devem apoiar-te! Oh, Tu, Uc'ux Caj, Coração do Céu; Uc'ux Ulew, Coração da Terra! Oh, Tu, Envoltório de Glória e Majestade! Tu, Tojil, Awilix, Jacawitz, Ventre do Céu, Ventre da Terra! Oh, Tu, que és os Quatro Cantos do Mundo, faz que haja Paz na tua Presença! Oh, Deus!»

A oração, o jejum e penitência que ali se faziam eram o preço a pagar pela claridade e os bons sucessos e o mando e senhorio dos Senhores Principais. Sucediam-se a dois e dois, no levar desta carga dos povos que sobre eles recaía.

Balam Quitzé, Balam Ak'ab, Majucutai e Iqui Balam foram os primeiros pais e avós de todos nós, os Quichés, sendo nossas primeiras avós e mães suas mulheres Cajá Paluná, Chomijá, Tzununijá e K'aquixajá.

Estas são as histórias do Quiché e do que ali se passou; escreveu-se agora tudo isto porque, embora havendo antigamente um livro onde estas coisas constavam, perdeu-se com tudo o que continha.

E assim se acabou o que diz respeito ao Reino do Quiché, chamado agora Santa Cruz.

VOCABULÁRIO

adivinho. — Xpiyacoc e Xmucané eram videntes ou adivinhos. Xpiyacoc era *ajtzité*, o que lança as sortes com grãos vermelhos de *tzité*. Xmucané era *ajk'ij*, o que tem a missão de contar os dias (9, 10).

Na actualidade, os videntes ou adivinhos chamam-se *ajk'ij* em quiché, termo composto de *aj* (trabalho) e *k'ij* (dia ou sol). Dispõem os grãos vermelhos do *tzité* de um modo especial, combinando-os nas práticas adivinhatórias com as contas do seu calendário. Neste, o ano tem 260 dias distribuidos por 13 meses e 20 dias. Esta contagem dos dias remonta a épocas muito anteriores à chegada de Alvarado à Guatemala.

adoradores. — (v. sacrificadores).

águia. — (v. COT).

aj. — É uma partícula que acrescentada aos nomes significa por vezes *oficial*; noutros casos indica *dignidade* ou ainda o *lugar de origem*, a *pátria* das pessoas.

AJALK'ANA. — *Fazedor de aguadilha*. Um dos Senhores de Xibalbá. Juntamente com o seu companheiro AJALPUJ, tinha por ofício fazer inchar os homens, produzir-lhes matéria nas pernas e causar-lhes icterícia. Deles se dizia que tinham o humor amarelo como os hidrópicos (82) (v. Senhores do Inferno).

AJALMEZ. — *Fazedor de imundície*. Um dos Senhores de Xibalbá, companheiro de AJALTOK'OB. O ofício de ambos consistia em avivar a dor dos homens, causar-lhes dano ou morte violenta (82) (v. Senhores do Inferno).

AJALPUJ. — *O que lavra as matérias.* (82) (v. AJALK'ANA).

AJALTOK'OB. — *O que causa miséria* (82) (v. AJALMEZ).

AJAW. — *O Senhor ou Chefe.* Palavra composta de *Aj* e *Aw* que significa a corrente de onde pende uma jóia e assim quer dizer *o da jóia* ou *corrente,* insígnia dos Senhores Principais. O Ajaw, «o do colar», gozava de privilégios como usar roupa de algodão (os outros usavam-na de maguey), jogar o «jogo da bola» cerimonial, comerciar até lugares distantes, comer certa carne proibida à gente comum, etc.

AJAWAB. — Plural de Ajaw.

AK. — *O javali.* Um dos animais que não se deixaram apanhar por Junaipu e Xbalamqué (69), e também um dos chamados por este último para ajudar a reconstituir a cabeça de Junaipu (90).

amate. — (v. papel).

ameixas. — Fruta existente em Paxil e Cayalá, lugares onde os Criadores encontraram as maçarocas de milho branco e amarelo para fazer a carne do homem (103) (v. PAXIL). Fruta que os Senhores Principais podiam comer quando estavam em oração e deviam guardar jejum (162) (v. sapota). Esta espécie de ameixas dizem-se *jocotes* e provêm de uma árvore chamada *jocotal,* de que existem diversas espécies como a trovejante, a de Agosto, a pamonhita, a da Martinica, a amarela, a de chicha e a grande; as de melhor sabor, porém, são as do jocotal de coroa.

anona. — (v. *Cawex*).

árvore de morro. — (v. cabaça).

árvore de nanças. — (v. nanças).

árvore de sangue. — Em quiché: *chuj k'ak che*: de *chuj*, cochinilha, insecto; *k'ak,* vermelho, fogo; *che,* árvore; *árvore escarlate.* Schultze Jena diz que o *chuj k'ak* também pode ser a leguminosa *Pterocarpus draco L.*, que na América se chama *árvore de sangue de dragão.* Ximénez cita o *pau de sangue* na sua obra HISTORIA DE LA PROVINCIA DE SAN VICENTE DE CHIAPA Y GUATEMALA, tomo III, pg. 17: «Em terra habitada pelos Choles, existem uns paus

grandes que, picados, jorram sangue; na língua de Cahabón chamam-lhes *pilix* e em chol *cancante*».

aura. — (v. C'UCH).

avó. — (v. XMUCANÉ).

AWILIX. — Divindade dos Quichés cujo ídolo foi tirado de Tulán por Balam Ak'ab (110, 127, 130, 131, 164). Segundo Carmack, «a deusa da lua».

bailes. — Junaipu e Xbalamqué tocaram flautas e tambores e entoaram a moda de Junaipu Coy, o macaco de Junaipu, que seus irmãos Jun Batz e Jun Chowen, transformados em macacos, bailaram ao som dos instrumentos (54-56). Em Xibalbá, os dois jovens dançaram os bailes de Pujuy, o Mocho, do Cux, a Doninha, do Iboy, o Tatu, do Xtzul, a Centopeia, e do Chitic, o Caminhante sobre Andas (96) (v. CHITIC). Manifestando a alegria que sentiam, Balam Quitzé, Balam Ak'ab, Majucutai e Iqui Balam dirigiram-se bailando para onde estava a nascer o sol ao mesmo tempo que queimavam *pom* (copal) (120).

BALAM. — *O Jaguar.* Um dos primeiros animais que foram criados pelos educadores para que servissem de guardiães nos montes (4). *A Casa dos Jaguares* era um lugar de castigo em Xibalbá cheio destes animais (39, 88). O jaguar foi também um dos animais que Junaipu e Xbalamqué não conseguiram capturar (67). Os Sacrificadores, os quatro chefes dos Quichés, imitavam o rugido dos jaguares quando sacrificavam o povo das tribos (124). Balam Quitzé pintou um jaguar na tela que entregou às donzelas (131, 132). K'ucumatz, grande e famoso Senhor dos Quichés, podia transformar-se em jaguar durante sete dias (153).

BALAM AK'AB. — *O Jaguar da noite.* Um dos primeiros quatro homens que foram criados de milho. Sua mulher foi Chomijá. Primeiro avô e pai da Casa de Nijaib (104, 105, 108, 110, 114, 115, 120, 123, 127, 131, 133-135, 141, 144, 146, 164) (v. CHOMIJÁ, NIJAIB).

BALAM QUITZÉ. — *O Jaguar do suave sorriso.* Um dos primeiros quatro homens que foram criados de milho. Sua mulher foi Cajá Paluná. Tronco da Casa de Cawec (104, 108, 109, 114, 115, 120, 123, 127, 131, 133, 135, 140, 146, 164) (v. CAJÁ PALUNÁ, CAWEC).

bodocazo. — Golpe desferido com um bodoque. Junaipu disparou um bodocazo em Wukub K'aquix quando este comia nanças junto de uma árvore (19, 20) (v. JUNAIPU, WUKUB K'AQUIX, zarabatana). O bodoque é um projéctil que consiste numa esfera de barro ou outra substância lançado por fundas ou zarabatanas. Os dois rapazes Junaipu e Xbalamqué não usaram bodoques nas suas zarabatanas quando caçavam pássaros na companhia de Cab Rakan.

borracha. — «Os Mayas jogavam o seu jogo com uma bola de borracha sólida um milénio antes da borracha ou da bola de borracha serem conhecidas na nossa civilização ocidental» (J. Eric S. Thompson, *The Rise an Fall of Maya Civilization*). Junaipu e Xbalamqué curaram o olho do Gavião com um pedacinho de borracha que extraíram da sua bola (77) (v. bola). Náhuatl: *olli, ulli*, «o que se move». «A goma negra chamada *ulli*, posta a assar, derrete-se como um torresmo e não volta a coalhar. Extraída de umas árvores que existem aqui, é goma muito saudável. Dela se fazem as bolas com que jogam os índios, as quais facilmente saltam com o mesmo som e efeito das bolas de vento» (Frei Bernardino Sahagún, *Historia General de las Cosas de Nueva España*). «Usavam estas gentes índias o Jogo da Bola... Faziam a bola da goma de uma Árvore que nasce em Terras quentes. Puncionada, essa árvore destila umas gotas gordas e brancas que depressa coalham e que, misturadas e amassadas, ficam mais pretas do que o pez. Deste *ulli* faziam suas bolas, as quais, embora pesadas e duras para a mão, eram muito próprias para o modo como as jogavam: voavam e saltavam com tanta leveza como bolas de Vento...» (Frei Juan de Torquemada, *Monarquia Indiana*).

cabaça. — A cabeça de Jun Junaipu transformou-se em cabaça quando Jun Camé e Wukub Camé, Senhores do Inferno, a mandaram pôr sobre um arbusto (41). O arbusto onde colocaram a cabeça de Junaipu transformou-se em árvore de cabaças (41). Os Tecolotes Tucur recolheram a seiva vermelha de uma árvore numa cabaça, como lhes indicou Xquic. O líquido coagulou-se em forma de coração e assim foi levado aos Senhores de Xibalbá como sendo o coração de Xquic (45-48). Junaipu e Xbalamqué encheram de flores quatro cabaças e enviaram-nas aos Senhores de Xibalbá (85, 86). Náhuatl: *Xicalli*.

CAB RAKAN. — *Dois pés*. Filho segundo de Wukub K'aquix e Chimalmat. Um dos grandes soberbos. Fazia estremecer e tremer os montes e montanhas (19, 29-31) (v. WUKUB K'AQUIX, CHIMALMAT). Em quiché contemporâneo o nome que se dá aos tremores é *cab rakan* e aos terramotos *nimalaj cab rakan* (*nimalaj*: grandíssimo).

cacau. — Sementes designadas ao rato como comida (70). Com estas sementes faz-se chocolate e extrai-se a manteiga de cacau. Diz Clavijero, na sua *Historia Antigua de México*: «De cacau faziam várias bebidas que lhes eram muito familiares e, entre outras, aquela a que chamavam *chocolatl*». Em náhuatl, cacau diz-se *chocolatl*.

cacaxte. — Balam Quitzé, Balam Ak'ab, Majucutai e Iqui Balam carregaram às costas os ídolos dos seus deuses metidos em cacaxtes (109), que são caixas de madeira de base rectangular com quatro escadinhas laterais como as da «jaba», cesta de junco que serve para os índios guatemaltecos transportarem ovos, galinhas, frutas e artigos de comércio. O indígena leva-a às costas suspensa da testa por meio de um *mecapal*. Em náhuatl diz-se *cacaxtli*.

CACULIÁ FURACÃO. — *O raio de uma perna*. Primeira manifestação de Furacão (3) (v. FURACÃO).

CACHIQUELES. — As tribos cachiqueles emigraram juntamente com os quichés quando saíram de Tulán (113). Protegidos pelo fumo, os cachiqueles roubaram o fogo aos quichés (115). Revoltaram-se contra os quichés, mas foram subjugados por Quik'ab (156).

caite. — Sandália feita de couro cru ou de sola, usada pelos indígenas e pela gente pobre (v. TOJIL). Em náhuatl diz-se *cactli* e em quiché *xajab*.

CAJÁ PALUNÁ. — *Água parada que cai do alto*. Uma das quatro primeiras mulheres criadas. Foi esposa de Balam Quitzé (104, 140, 164) (v. BALAM QUITZÉ, CAWEC, COCAIB, COCAWIB).

CAMACU. — Canto de morte e despedida dos quatro primeiros homens ao dizer adeus às mulheres e aos filhos (143).

CAMALOTZ. — Animal que cortou a cabeça aos homens de pau quando foram castigados pelo Coração do Céu. (12).

CAMASOTZ. — *Morcego da morte*. Cortou a cabeça de Junaipu quando os jovens estiveram encerrados na Casa dos Morcegos (89).

caminho de Xibalbá. — O caminho para chegar a Xibalbá estava eriçado de dificuldades. JUN JUNAIPU e WUKUB JUNAIPU, guiados pelos mensageiros Tucur, desceram a muito custo as escadas difíceis que vão dar a esse caminho; chegaram a um barranco profundo e estreito onde passava um rio muito violento e atravessaram-no correndo grandes riscos; depois de atravessar o rio, chegaram a um lugar cheio de estacas ponteagudas, passando-o sem se ferirem; chegaram até a um rio de sangue e atravessaram-no também, abstendo-se de beber; finalmente, chegaram a uma encruzilhada de quatro caminhos e aqui foram vencidos porque não sabiam qual tomar: um caminho era vermelho, outro negro, outro branco e outro amarelo. Perante a sua perplexidade, o caminho negro falou: «Deveis escolher-me; sou o caminho que leva aos Senhores». Seguiram este caminho, chegaram junto dos tronos dos Senhores do Inferno e ali foram vencidos (35).

Os mayas associavam as cores aos pontos cardiais; o Oeste era negro, vermelho o Leste, amarelo o Sul e branco o Norte.

canas. — Ao despedir-se da avó Xmucané antes de partir para Xibalbá, os rapazes plantaram canas no pátio da casa, em sinal da sua existência (79). As canas secaram quando eles morreram e reverdeceram quando ressuscitaram (101) (v. *pom*).

cão. — (v. TZT).

CAR. — *Peixe*. Antes da criação não havia... peixe (2). O alimento de Zipacná consistia em peixe e caranguejos (27). Junaipu e Xbalamqué apareceram aos de Xibalbá sob a forma de peixe--homem (96).

caranguejo. — (v. TAP).

Casa das Navalhas de Chay. — Lugar de tormento em Xibalbá (39, 85).

Casa do Fogo. — Lugar de tormento em Xibalbá (88).

Casa do Frio. — Lugar de tormento em Xibalbá (39, 87).

Casa dos Jaguares. — Lugar de tormento em Xibalbá (39, 88).

Casa dos Morcegos. — Lugar de tormento em Xibalbá (39, 89).

Casa Escura. — Lugar de tormento em Xibalbá (38, 39, 84).

CAWEC. — Casa Grande Quiché, fundada por Balam Quitzé e Cajá Paluná. Seus filhos chamaram-se Cocaib e Cocawib (140, 147, 150).

Cawex. — *anona*. Fruta abundante em Paxil e Cayalá (103).

CAWISIMAJ. — Senhor Principal, adjunto de Quik'ab, da sétima geração da Casa de Cawec (159).

CAYALA. — (v. PAXIL).

centopeia. — (v. XTZUL).

chalchiuite. — Nome derivado do náhuatl que designa o jade de que os índios faziam colares e adornos. Os chefes das tribos que lutaram contra os quatro Ajawab adornaram-se para a batalha com colares de prata e chalchiuite que lhes foram roubados pelos chefes quichés (134). Náhuatl: *calchihuitl*, jade lavrado. «*chalchihuitl* significa em geral *pedra preciosa*», (Hernando Alvarado Tezomóc, *Crónica Mexicana*). Há outras pedras que se chamam chalchihuite; são verdes, opacas, estriadas de branco: os Principais usam-nas muito nos pulsos, e isso é sinal de nobreza; aos *macequales* não é permitido usá-las. (...) Chalchihuitl. Pedra verde de vários géneros. Esmeralda, jade, jadeíte, cristal verde, etc. Símbolo de tudo o que é precioso, rico e belo» (Frei Bernardino de Sahagún, *Historia General de las Cosas de Nueva Espanã*).

CHAMIABAK. — *Vara de osso*. Ele e Chamiajolom eram alguazis de Xibalbá. Ostentavam uma vara de osso e o seu governo consistia em enfraquecer os homens, reduzindo-os ao esqueleto (82) (v. Senhores do Inferno).

CHAMIAJOLOM. — *Vara de caveira*. Companheiro de Chamiabak (82) (v. CHAMIABAK).

charutos. — (v. Tabaco).

chay. — Faca ou punhal de pederneira ou obsidiana. A Casa das Navalhas estava cheia de facas destas. (85).

chicha. — Bebida fermentada de milho com a qual se embebedaram os Quatrocentos Jovens para celebrar a morte de Zipacná (24, 25)

(v. QUATROCENTOS JOVENS, ZIPACNÁ). A chicha faz-se com milho, cevada, farelo, anis e jocote. Os cereais são tostados e colocados dentro de bolsas numa tina com água, a que se juntam o anis e os jocotes. Deixa-se fermentar num lugar quente. Nos primeiros dias de fermentação bebe-se como *refresco de suchiles.*

chile. — As suas sementes foram um dos alimentos indicados ao rato por Junaipu e Xbalamqué (70).

CHIMALMAT. — Mulher de Wukub K'aquix e mãe de Zipacná e Cab Rakan (17, 20, 22) (v. WUKUB K'AQUIX, ZIPACNÁ, CAB RAKAN).

CHIPI CACULIÁ. — *O mais pequeno dos raios.* A segunda manifestação de Furacão (3, 43, 108) (v. CACULIÁ FURACÃO, RAXÁ CACULIÁ, FURACÃO).

CHITIC. — *O que caminha sobre andas.* Baile de Junaipu e Xbalamqué em Xibalbá (96). «Quem não se admirará de ver bailar ao som de um tambor quarenta ou cinquenta índios, sobre altas andas, fazendo reverências e meneios como se andassem sobre os seus próprios pés?»... (Frei Diego Durán, *Historia de las Indias de Nueva España e Islas de la Tierra Firme*) (v. bailes).

CH'O. — *O rato.* Único animal que Junaipu e Xbalamqué conseguiram apanhar. Revelou-lhes o destino. Os jovens indicaram o alimento ao rato: sementes de pimentão, milho, feijão, cacau e outros alimentos conservados nas casas (70).

CHOMIJÁ. — Água formosa e escolhida. Uma das quatro primeiras mulheres que foram criadas. Mulher de Balam Ak'ab (105, 164) (v. BALAM AK'AB, NIJAIB).

chuvas. — O Coração do Céu enviou grande quantidade de resina e uma chuva escura, de noite e de dia, para afogar os homens de pau (11). Uma chuva acompanhada de granizo apagou o primeiro fogo criado por Tojil (114). A gente das tribos seguia as pegadas dos Sacrificadores quando começou a chover e havia tanto lodo que não puderam terminar as buscas (128).

COACUL. — Um dos filhos de Balam Ak'ab e Chomijá, irmão de Coacutec. Da Casa de Nijaib (141) (v. Balam Ak'ab, Chomijá, Nijaib).

COACUTEC. — (v. COACUL).

COAJAW. — Filho único de Majucutai e Tzununijá. Da Casa do Ajaw Quiché (142) (v. Majucutai, Tzununijá).

cobra. — (v. CUMATZ).

COC. — *A tartaruga.* Animal escolhido por Xbalamqué para formar a cabeça de Junaipu quando Camasotz a cortou (91, 94).

COCAIB. — Um dos filhos de Balam Quitzé e Cajá Paluná, irmão de Cocawib. Da Casa de Cawec (140) (v. Balam Quitzé, Cajá Paluná, Cawec).

COCAWIB. — (v. COCAIB).

coelho. — (v. IMUL).

coiote. — (v. UTIW).

COJ. — *O puma.* Um dos animais que foram criados para servir de guardiães dos montes (4). Os Sacrificadores, os quatro chefes quichés, imitavam o rugido do puma quando andavam pelos cerros a capturar o povo das aldeias (124).

comales. — Trastes de cozinha que se revoltaram contra o homem de pau quando foram castigados pelo Coração do Céu (12, 13). Disco de barro que se coloca sobre os *tenamastes* ao lume, para fazer as tortilhas (v. tenamastes, tortilhas). «Comali, hoje comal, utensílio redondo, um pouco côncavo, formado de barro poroso, cozido ao forno; no comal, colocado ao lume, cozem-se as tortilhas de milho» (*Crónica Mexicana,* do autor seiscentista Hernando Alvarado Tezomóc). Em nahuátl, *comalli.*

copal. — (v. pom). Em nahuátl, *copalli.* Segundo Sahagún (*Historia General de las Cosas de Nueva España*), *copalli* é uma «goma resinosa de várias árvores, usada no culto e na etiqueta social, assim como na medicina».

CORAÇÃO DA TERRA. — (v. FURACÃO).

CORAÇÃO DO CÉU. — (v. FURACÃO).

coruja. — (v. PUJUY).

COT. — *A águia*. Balam Ak'ab pintou uma águia no pano que deu às donzelas (131, 132). K'ucumatz transformava-se em águia durante sete dias (152) (v. KUCUMATZ).

COTCOWACH. — Animal que arrancou os olhos aos homens de pau quando foram castigados pelo Coração do Céu (12). Os tradutores do Popol Vuh transcrevem *Xecotcowach* tal como Ximénez copiou o termo no texto espanhol da sua tradução; mas na coluna quiché, vem escrito «xe cotcovach», em separado, o que se traduz por *veio cotcowach*.

COTUJÁ. — Senhor Principal da Casa de Cawec na quarta geração; governou com o seu adjunto Xtayul (147, 148) (v. IZMACHI, CAWEC).

COTZBALAM. — Animal que devorou os homens de pau quando foram castigados pelo Coração do Céu (12).

COY. — *O Macaco*. Os homens de pau foram transformados em macacos porque não louvaram nem veneraram os Criadores e Formadores (16). Jun Batz e Jun Chowen foram transformados em macacos por terem agido com maldade para com os seus irmãos Junaipu e Xbalamqué (53-56).

criação. — Tepew e K'ucumatz criaram todas as criaturas, a terra e as plantas, no meio da escuridão. (2, 3, 4).

criação do homem. — Os Criadores e Formadores tentaram várias vezes criar o ser destinado a louvá-los, invocá-los, dizer os seus nomes, lembrar-se deles na terra e assim ser sustentados e mantidos para ter existência. O primeiro ensaio foi a criação dos animais, mas estes não puderam louvá-los (4-8). Na segunda tentativa, fizeram o homem a partir do lodo, mas dissolvia-se na água e foi destruído (8) (v. lodo). Em terceira instância, fizeram o homem de pau; este podia reproduzir-se e falar, mas esqueceu-se de louvar os seus Criadores. Foi castigado pelo Coração do Céu que enviou uma grande quantidade de resina para destruí-lo e uma chuva negra, de noite e de dia, para inundá-lo e afogá-lo (9-16). O quarto e último ensaio teve êxito: o homem foi criado de milho (102-103) (v. XMUCANÉ, QUEL, milho, PAXIL).

C'UCH. — *A aura*. Escureceu o céu quatro vezes abrindo as asas quando Xbalamqué esculpia a cabeça de Junaipu na carapaça da tartaruga (92). Em quiché, a palavra para designar a aura é *c'uch*, mas Ximénez, por erro, escreveu *wuch*: a Sarigueia. A prova de que se trata de um equívoco é que traduz a palavra por *aura*. Escreve Frei Diego de Landa, na sua *Relación de las Cosas de Yucatán*: «Há umas aves muito carniceiras, a que os espanhóis chamam auras e os índios *kuch*, que são negras, têm o pescoço e a cabeça como as galinhas, e o bico em forma de gancho. São imundas; andam quase sempre pelos estábulos e outros lugares onde haja esterco ou carne morta. Os índios, para encontrar a caça ferida que lhes foge, empoleiram-se em árvores altas a fim de ver onde acodem estas aves, e sempre encontram ali essa caça».

CUCHUMAQUIC. — *Sangue junto*. Um dos Senhores de Xibalbá, pai da donzela Xquic. Companheiro de Xiquiripat. O ofício de ambos era causar a doença de sangue de que os homens padecem (42, 44, 45, 82) (v. XQUIC).

CUMATZ. — *A cobra*. Animais que foram criados para guardiães dos montes (4) (v. ZAQUICAZ).

CUX. — *A doninha*. Baile de Junaipu e Xbalamqué em Xibalbá (96).

dilúvio. — O dilúvio enviado pelo CORAÇÃO DO CÉU para castigar o homem de pau consistiu numa grande quantidade de resina acompanhada, noite e dia, por uma chuva escura (11).

envoltório de majestade e grandeza. — «Os quatro chefes quichés despediram-se das mulheres e dos filhos e Balam Quitzé disse--lhes: isto vos deixo e esta será a vossa grandeza; já me despedi e vos avisei, e estou triste. Assim falou quando lhes deixou o sinal do seu ser e costume, que se chama a majestade e grandeza envolta, e não se sabe o que é, sabe-se apenas que ficou envolto, sem se saber como se cosiam os panos que o cingiam, porque não foi visto quando se cobriu, e assim foi a sua despedida...» (Frei Francisco Ximénez, *Empiezan las Historias de los Indios de Esta Provincia de Guatemala*, traduzido da língua quiché em castelhano, «para maior comodidade dos ministros do Santo Evangelho»).

escrita. — A arte de escrever e pintar foi trazida do Oriente pelos filhos dos quatro Sacrificadores e Adoradores quando cumpriram o mandato de seus pais de regressar ao lugar de onde vieram (145).

estacas de semear. — Serviram a Junaipu e Xbalamqué para semear a sua *milpa* (58, 60, 62, 64). Os indígenas queimavam o pau que lhes serviria para semear e aguçavam-lhe a ponta.

feijões. — Comida indicada ao rato por Junaipu e Xbalamqué (70).

fogo. — Os tachos, panelas e *tenamastes* revoltaram-se contra o homem de pau porque os punha ao lume (13). Wukub K'aquix ordenou a sua mulher Chimalmat que pusesse ao fumeiro o braço de Junaipu (20). Junaipu e Xbalamqué acenderam uma fogueira para assar um pássaro coberto de cinza que Cab Rakan comeu, perdendo a força e sendo vencido pelos dois jovens (30). Os Senhores de Xibalbá queimaram o simulacro do coração de Xquic (48). Os dois jovens queimaram a cauda do rato (70). Os rapazes combateram o frio ao acender uma fogueira na Casa do Frio de Xibalbá (87). Junaipu e Xbalamqué morreram queimados em Xibalbá (95). Tojil criou o fogo e deu-o aos quichés (113, 114) (v. TOJIL). Os cachiqueles roubaram o fogo dos quichés ocultando-o no fumo (115). As tribos que pediram fogo foram vencidas pelos quichés (116).

formigas. — (v. Zanic).

frutas tropicais. — Quando as tribos iam ver o Senhor para lhe pagar tributo, a primeira coisa que faziam era levar um presente de fruta à divindade na Casa Grande de Tojil (160). Os Senhores Principais comiam fruta quando jejuavam durante a sua adoração aos deuses (162).

FURACÃO. — *Um pé.* Também chamado Coração do Céu, UC'UX CAJ, Coração da Terra, UC'UX ULEW. Manifestava-se por três formas: CACULIÁ FURACÃO, CHIPI CACULIÁ e RAXÁ CACULIÁ (3, 29, 43, 108, 163).

galinhas. — Reprovaram aos homens de pau o que eles lhes faziam: comiam-nas.

gavião. — (v. XIC).

guacamaya. — (v. K'AQUIX).

IBOY. — *O tatu.* Vive em quase todas as regiões da Guatemala. Baile de Junaipu e Xbalamqué em Xibalbá (96).

ICOK'IJ. — A estrela que todas as tribos esperavam ver como sinal do nascimento do Sol (118). As tribos alegraram-se quando viram despontar o luzeiro anúncio e guia do Sol (119). A estrela da manhã quando antecede o Sol e a estrela vespertina quando se segue ao ocaso. Identifica-se facilmente com Vénus.

ILOCAB. — Uma das parcialidades quichés (113, 147).

IMUL. — *O coelho.* Um dos animais que Junaipu e Xbalamqué não conseguiram apanhar (68, 69). A pedido de Xbalamqué, um coelho fez-se passar por bola de borracha e escondeu-se num tomatal (94).

instrumentos de música. — Junaipu e Xbalamqué tocavam flauta e tambor para atrair os irmãos transformados em macacos (54-56).

instrumentos do jogo da bola. — Jun Junaipu e Wukub Junaipu esconderam em casa os apetrechos do jogo (35). O rato revelou aos dois rapazes onde se encontravam os instrumentos do jogo de bola de seus pais (70-73). Segundo Ximénez, os instrumentos de jogo eram o batedor, a raqueta e a bola de borracha. «Todos os jogadores jogavam este jogo com uns couros postos sobre os calções, de onde pendiam umas bragas de pele de veado para defesa das coxas, que andavam sempre a rojar pelo chão. Usavam luvas para proteger as mãos, também sempre pelo chão.» (Frei Diego Durán, *Historia de las Indias de Nueva España y Islas de la Tierra Firme*). «... para jogar, usavam luvas e uma cilha de couro nas nalgas» (Sahagún).

IQUI BALAM. — *Tigre da lua.* Um dos quatro primeiros homens criados de milho. Sua mulher chamou-se K'aquixajá. Não tiveram descendência (104, 107, 108, 112, 114, 115, 120, 123, 127, 133-135, 138, 143, 144, 146, 164) (v. K'AQUIXAJÁ).

ixim. — *milho.* Os adivinhos usavam grãos vermelhos de tzité e milho nas suas práticas adivinhatórias (9). Os homens de pau moíam milho em mós de pedra (12). Dois velhos arrancaram os dentes a

Wukub A'quix e em seu lugar puseram grãos de milho (22). Da massa do milho branco e do milho amarelo foi feita a carne e substância do homem (103) (v. XMUCANÉ, JOJ, YAK, UTIW, QUEL). Em Paxil e Cayalá encontraram os criadores as maçarocas de milho branco e amarelo (103) (v. PAXIL). Comida indicada ao rato pelos dois rapazes (70). Milheiral (v. *milpa*).

IZMACHI. — Montanha onde passaram a viver os quichés. Ali fundaram a sua capital e construiram edifícios de pedra e cal, na quarta geração, reinando Cotujá e Xtayul (147, 149) (v. COTUJÁ).

JACAWITZ. — Divindade dos quichés. A sua imagem foi a terceira a sair de Tulán, carregada por Majucutai (111). Nome da montanha onde Majucutai escondeu a imagem de Jacawitz que se tornou de pedra ao nascer do Sol (120). As tribos viram o nascer do Sol na montanha Jacawitz (121). «Deus da montanha» (Robert Carmack, *Historia Social dos Quichés*). Os quatro primeiros chefes, chamados de Venerados, despediram-se no cerro Jacawitz das mulheres, que lá morreram, e dos filhos (144, 146).

jade. — (v. chalchiuite).

jaguar. — (v. BALAM).

javali. — (v. AK).

JOJ. — *O corvo*. Um dos quatro animais que manifestaram aos Criadores e Formadores o lugar onde crescia o milho branco e o milho amarelo (103) (v. PAXIL, QUEL, UTIW, YAK).

joli, joli, juqui, juqui. — Som feito pela mó ao transformar o milho em farinha (12).

jogo de bola. — «... Este jogo maya combinava aspectos do que vieram a ser o basquetebol e o futebol. Utilizando cotovelos, joelhos, pés, ancas, mas não as mãos, os jogadores procuravam fazer passar uma bola de borracha maciça através de um anel de pedra situado no alto da parede que extremava o campo dos adversários. Conta a tradição que os espectadores desapareciam quando um jogador o conseguia, porque a façanha o tornava dono da roupa e das jóias de todos os presentes» (*Indians of the Americas*, National Geographic Society, Washington) (v. borracha). «Jogavam em grupo, tantos contra tantos, como dois contra dois ou três contra três. Nos jogos mais importantes, participavam os Senhores e Principais... mas se a bola não lhes fosse servida de feição, não a recebiam. Quem conseguia passar a bola sobre a parede do adversário ou nessa parede a fazer embater, averbava uma risca. Também se ganhavam e perdiam riscas dando com a bola no corpo do adversário, por exemplo, ou falhando uma jogada com o quadril. Quem obtivesse primeiro determinado número de riscas ganhava o jogo... e jogavam a tantas riscas um carregamento de mantas, mais ou menos conforme a possibilidade dos jogadores, e se eram reis, vilas e cidades. Também jogavam plumas e objectos de ouro, e alguns deles até se jogavam a si próprios... Desta maneira, eram mais as apostas do que o principal do jogo» (Frei Juan de Torquemada, *Monarquia Indiana*). «... davam-lhe tão-só com o quadril ou a nalga e não com outra parte do corpo, porque era falta todo o golpe contrário. Para que a bola mais saltasse, desnudavam-se, ficando apenas com o Maxtlatl, que eram os panos da puridade, e punham um couro muito esticado e teso sobre as nalgas...» (Torquemada, *idem*). O Senhor «... também trazia consigo bons jogadores de bola, assim como outros principais o faziam nos bandos contrários, e apostavam ouro e *chalchiuites*, escravos e mantas ricas, máxtles, milheirais e casas, pulseiras e argolas de ouro, e braceletes de penas luxuriantes, e cargas de cacau» (Frei Bernardino de Sahagún, *Historia General de las Cosas de Nueva España*).

Jun. — *Um*. Número usado em vários nomes.

JUN BATZ. — *Um fiado*. Irmão de Jun Chowen, filhos de Jun Junaipu e Xbaquiyaló (32) (v. JUN CHOWEN e JUN JUNAIPU).

JUN CAMÉ. — *Um morte*. Ele e Wukub Camé eram os chefes dos Senhores Principais de Xibalbá. Eram grandes juízes e os restantes Senhores assistiam-nos e serviam-nos (35, 48, 82, 97).

JUN CHOWEN. — *Um que está em ordem*. Jun Batz era seu irmão. Foram transformados em macacos por causa da sua soberba e por haverem maltratado os irmãos Junaipu e Xbalamqué (32-34, 51-57) (v. JUN BATZ).

JUN JUNAIPU. — *Um, um atirador de zarabatana.* Irmão de Wukub Junaipu, filho de Xpiyacoc e Xmucané, pai, com Xbaquiyaló, de Jun Batz e Jun Chowen (32). Com Xquic, também foi pai de Junaipu e Xbalamqué (41-44) (v. XMUCANÉ, JUN BATZ, JUN CHOWEN, XBAQUIYALÓ, JUNAIPU, XQUIC).

JUNAIPU. — *Um atirador de zabaratana.* Irmão de Xbalamqué. Foram filhos de Jun Junaipu e de Xquic. A donzela concebeu-os com a saliva qua a caveira de Jun Junaipu lhe cuspiu na palma da mão (42-44) (v. XQUIC). Junaipu derrubou Zipacná com um bodocazo de zarabatana (19). Junaipu transformou um pêlo da cara num mosquito para que fosse picar os Senhores de Xibalbá e conseguir que estes dissessem os seus nomes (80, 81). Por ordem dos Senhores de Xibalbá, o morcego Camasotz cortou a cabeça a Janaipu (89). Em Xibalbá, Junaipu foi esquartejado por Xbalamqué, mas este ressuscitou-o (100). Quando os dois jovens morreram, um passou a ser o Sol e o outro a Lua (101).

JUNAIPU COY. — *O macaco de Junaipu.* Canção que Junaipu e Xbalamqué cantaram e tocaram nas suas flautas e tambores para atrair os irmãos convertidos em macacos (54).

K'AQUIX. — *A guacamaya* (lit.: *pluma vermelha*). Faz parte do nome Wukub K'aquix, *Sete guacamaya* (17) e do nome K'aquixajá, *Água de guacamaya*, mulher de Iqui Balam (107). Quando se encontravam prisioneiros da Casa Escura, Junaipu e Xbalamqué colocaram duas penas da cauda da guacamaya na ponta dos ocotes para fazer crer que se mantinham ardendo (84) (v. Casa Escura). *Ara macao*, a vermelha, *Ara araraúna*, a azul, são as espécies mais conhecidas. Tem penas amarelas, bico grande, cauda comprida e cores muito vivas.

K'AQUIXAJÁ. — *Água de guacamaya.* Uma das quatro primeiras mulheres criadas. Esposa de Iqui Balam, de quem não teve filhos (107, 143, 164) (v. IQUI BALAM, K'AQUIX).

K'UCUMATZ. — *Serpente quetzal* (do quiché *k'uk*, quetzal, e *cumatz*, serpente). *Criador e Formador* (2, 102, 103, 108). «Pai e Mãe de tudo quanto existe na água, vivia rodeado de suma claridade, adornado e oculto entre plumas verdes (as dos quetzales, usados

pelos Senhores em sinal de Majestade e Grandeza), e, por isso, pelo seu entendimento e sageza, se chama K'ucumatz, *Cobra forte e sábia*, e também se chama Coração do Céu, porque a morada deste Deus é no céu» (Frei Francisco Ximénez, *Empiezan las Historias de los Indios de esta Provincia de Guatemala*). K'ucumatz, chefe dos quichés da quarta geração, podia transformar-se em serpente, águia, ou sangue coagulado (151-154). «*Gucumatz*, serpente coberta de penas verdes, de *quc*, em maya *kuk*, plumas verdes, quetzal por antonomásia, e *cumatz*, serpente; é a versão quiché de Kukulcán, o nome maya de *Quetzalcoatl*, o rei tolteca, conquistador, civilizador e deus do Yucatán durante o período do Novo Império Maya» (nota à tradução do POPOL VUH, por Adrián Recinos). Náhuatl: *quetzalli*, pena fina.

K'UK. — *O quetzal.* Ave nacional guatemalteca, emblema da liberdade. Habita regiões frias de 6.000 a 10.000 pés de altura sobre o nível do mar. A sua beleza valeu-lhe ser vítima de contínuas perseguições, obrigando-a a procurar refúgio em selvas densas. Vive em árvores muito altas e alimenta-se de frutas, sobretudo do chamado *aquacatillo*. O macho é magnífico: as penas da cauda, cabeça, peito e parte superior do corpo são de um azul e verde iridiscente. As penas mais pequenas que lhe cobrem o abdómen e a parte interior da cauda são vermelhas. As da cauda chegam a atingir três pés de comprimento. A fêmea não é tão bela.

K'UMARCAJ. — Uma das capitais dos quichés. «... chamada também Utatlán. K'umarcaj (as antigas cabanas de canas) cujas ruínas se podem ver perto de Santa Cruz do Quiché (Carmack, *Historia social de los quichés*).

leão. — O leão americano chama-se *puma* (v. COJ).

lince. — (v. YAK).

livro. — Menção do livro antigo e original do Popol Vuh, aquele que já não se entende (1). Perdeu-se o livro em que constavam todas as histórias do quiché (164).

lodo. — Quando os Criadores e Formadores tentaram fazer o homem, o lodo foi uma das matérias a que recorreram (8) (v. Criação do homem).

lua. — A luz do sol e a da lua estava encoberta quando WUKUB K'AQUIX se encheu de soberba (17). Jun Junaipu e Wukub Junaipu nasceram na escuridão da noite, antes de haver sol e lua (32). Junaipu e Xbalamqué subiram ao céu: um foi posto no lugar do sol, e o outro no da lua (101).

macaco. — (v. COY).

machado. — Junaipu e Xbalamqué utilizaram um machado quando cortaram as árvores e as trepadeiras a fim de preparar o terreno para plantar milho e fazer a sua *milpa* (58-61, 63) (v. milpa, roça). Os machados eram geralmente de pederneira.

MAJUCUTAI. — *Não polido*. Um dos quatro primeiros homens criados de milho. Sua mulher foi Tzununijá. Fundadores da Casa do Ajaw Quiché (104, 106, 142, 144, 164).

matéria. — Vocábulo usado para designar o *pus*. Para chegar a Xibalbá, era preciso atravessar um rio de matéria (80). Ajalk'aná a Ajalpuj, Senhores de Xibalbá, criavam matéria nas pernas dos homens (82).

maxtate. — Náhuatl: *maxtlatl*. «Peça de roupa masculina consistente numa faixa larga, cingida à cintura e com as extremidades pendentes por diante e por detrás da pessoa» (Sahagún). Na Guatemala, a palavra *maxtate* designa as fraldas dos bebés.

mecapal. — Faixa de couro cru com as pontas amarradas a uma corda, usadas por quem carrega às costas, suspensas da testa, grandes cargas. Em náhuatl, *mecapalli*.

mel. — Em Paxil e Cayalá havia mel (103). Como alimento, os primeiros quatro homens levavam mel, insectos e vespas às mulheres e aos filhos (123).

mensageiros. — (v. TUCUR).

milho. — (v. IXIM).

milpa. — Terreno semeado de milho, milheiral. Jun Batz e Jun Chowen semearam milpa, assim como Junaipu e Xbalamqué (49, 50, 58-70).

mosquito. — (v. XAN).

morro. — (v. cabaça).

MOTZ. — (v. QUATROCENTOS RAPAZES).

morcego. — (v. SOTZ).

música. — Jun Junaipu ensinou música a seus filhos Jun Batz e Jun Chowen (v. instrumentos de música).

NACXIT. — Grande Senhor governador no Oriente. Foi ele que deu os títulos de Senhorio e Império aos filhos dos primeiros chefes quichés (146).

nança. — Wukub K'aquix tinha uma árvore de nanças onde todos os dias ia comer a sua fruta (18). Fruta de Paxil (103).

NIC'AJ TAK'AJ. — Nome da divindade quiché cujo ídolo foi retirado de Tulán por Iqui Balam (112). «Deusa da planície» (Carmack).

NIJAIB. — Uma das Casas Grandes Quichés, descendente de Balam Ak'ab e Chomijá (141, 147, 150) (v. Balam Ak'ab, CHOMIJÁ).

nixtamal. — Milho semi-cozido com cal (antigamente com cinza) para que ao lavá-lo se desprenda a casca. É moído já limpo na pedra da mó.

obsidiana. — Também se conhece pelo nome de *chay*. A Casa das Navalhas de Chay (ou obsidiana) estava cheia de facas e punhais neste material que rechinavam umas contra as outras (39, 85) (v. Casa das Navalhas de Chay).

ocote. — São as lascas resinosas de pinheiro que servem aos indígenas para se alumiar. Náhuatl: *ocotl*; quiché: *chaj*. Os Senhores de Xibalbá enviaram ocote e charutos a Jun Junaipu e Wukub Junaipu para que os mantivessem acesos durante a noite e ao mesmo tempo os devolvessem inteiros na manhã seguinte. Foram vencidos (38). Junaipu e Xbalamqué, quando estavam na Casa Escura, também receberam ocote e charutos com a ordem de mantê-los acesos e inteiros. Puseram caudas de guacamaya nos ocotes e vagalumes nos charutos, dando a impressão que os consumiam ao mesmo tempo que os mantinham inteiros. E assim não foram vencidos (84, 85). «Era desconhecido o uso de candeias, usando-se em seu lugar lascas compridas e delgadas do pinheiro

chamado *ocotl*, ocote, o qual produzia uma luz avermelhada e grande quantidade de fumo. Em alguns povoados indígenas ainda se utiliza este processo» (Alvarado Tezozómoc).

ORIENTE. — Os quatro primeiros homens feitos de milho multiplicaram-se no Oriente, ainda no tempo das trevas, antes de brilhar o sol e haver luz (108). Lugar de onde saíram as tribos para procurar terras de semeadura (117). Os quatro Ajawab, ditos os Venerados, vieram do Oriente, do outro lado do mar (144). Os filhos dos Ajawab regressaram ao Oriente, de onde tinham vindo os seus pais (145).

panela. — As panelas reprovaram aos homens de pau o terem-nas posto sobre o lume, causando-lhes muita dor (12, 13).

papagaio. — (v. QUELETZU).

papel. — Os indígenas tinham... «livrinhos de um papel de casca de árvore a que chamam *amate*, e neles faziam os seus sinais do tempo e das coisas passadas...» (Díaz del Castillo, *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*). O papel dos Códices Mayas existentes foi preparado com a casca fibrosa interna da figueira brava, conhecida na Guatemala pelo nome de *amate*. «A superfície onde pintavam eram telas de figueira brava ou do fio da palmeira silvestre a que chamam *icxotl*, peles de animais bem curtidas e papel, que era o mais comum. Faziam o papel de folhas de maguey que deixavam apodrecer na água, como o cânhamo, e depois lavavam, estendiam e alisavam. Também o faziam da palmeira *icxotl*, de cascas finas de outras árvores, que juntavam e preparavam com certa goma e, finalmente, de algodão, embora ignoremos que benefício lhe davam... Faziam o papel em tiras muito compridas e estreitas que conservavam enroladas como antigamente se fazia às peles na Europa ou dobradas à maneira dos nossos biombos» (Francisco Javier Clavijero, *Historia Antigua de México*). Náhuatl: *amati*: papel.

pássaros. — Antes da Criação não havia... pássaros (2). O pássaro foi criado para guardião dos montes (4). Os Criadores designaram aos pássaros casa e habitação (6). Os Criadores ordenaram aos pássaros que os invocassem (7). Junaipu e Xbalamqué caçavam pássaros e convidaram Cab Rakan a ir com eles para derrubar um

alto monte a que não podiam chegar. No caminho assaram um pássaro, deitaram-lhe areia em cima e deram-no a comer a Cab Rakan, pelo que este foi vencido ao perder as suas forças por causa do pássaro (29-31). Junaipu e Xbalamqué tinham a obrigação de caçar pássaros para os seus irmãos comer (51-53).

PATAN. — *Mecapal*. Senhor Principal de Xibalbá, companheiro de Xic. O ofício de ambos consistia em causar as mortes repentinas dos que morrem pelos caminhos deitando sangue pela boca (82) (v. mecapal, Senhores do Inferno).

pataxte. — Uma das sementes assinaladas como comida ao rato por Junaipu e Xbalamqué (70). Em Paxil e Cayalá havia pataxte em abundância (103) (v. Paxil). O pataxte é uma espécie de cacau da América Central. As suas sementes são usadas como as do cacau, mas menos apreciadas.

pátio da jogo da bola. — Em Copán... «consistia numa ruela com três marcadores, os lados inclinados e os templos de cada lado...» (Thompson). «... Jogava-se nestes pátios um jogo parecido com o basquetebol, mas nas extremidades do recinto, em vez de cestos havia dois anéis de pedra insertos no meio de cada uma das paredes que se enfrentavam...» (Morley). «A sua disposição e forma era a de uma rua limitada por duas paredes grossas, mais largas em baixo do que em cima, para que a bola não se perdesse fora do recinto. As maiores tinham vinte braças de largura e em algumas partes tinham figura de ameias. Eram as paredes mais altas dos lados do que nas fronteiras. Para jogar melhor, tinham-nas muito bem rebocadas e liso o chão» (Torquemada). «O jogo da bola chamava-se *tlaxtli* ou *tlachtli* que eram duas paredes distanciadas vinte a trinta pés uma da outra, e seriam de largo até quarenta e cinquenta; no meio do jogo havia uma linha divisória e no meio das paredes, na metade do trecho do jogo, estavam duas pedras como mós de moinho furadas ao meio, fronteiras uma da outra, e tinham buracos tão largos que podia caber a bola em cada um deles. E o que metia a bola por ali ganhava o jogo...» (Sahagún). Jun Junaipu e Wukub Junaipu jogavam no seu pátio do jogo da bola e os Ajawab de Xibalbá ouviram-nos (35). Junaipu e Xbalamqué jogaram a bola no pátio de jogo de seus pais. Quando foram a Xibalbá jogaram no pátio

do jogo da bola dos Ajawab (74, 85, 87, 89, 93, 94) (v. borracha, jogo da bola, instrumentos do jogo de bola).

pau de sangue. — (v. árvore de sangue).

pau de semear. — (v. estaca de semear).

PAXIL. — Paxil e Cayalá era uma formosa terra cheia de muitas maçarocas de milho amarelo e branco, pataxte, cacau, sapotas, anonas, nanças, mel e alimentos de toda a espécie, plantas grandes e pequenas (103). De Paxil e Cayalá vieram as maçarocas amarelas e brancas do milho com que foi feita a carne e o sangue do homem (103) (v. XMUCANÉ). Os quatro animais que indicaram aos Criadores que o milho se encontrava em Paxil e Cayalá foram o gato bravo, o coiote, o papagaio e o corvo (v. YAK, UTIW, QUEL, JOJ).

pecarí. — (v. AK).

pêga. — (v. QUEL).

penitências. — (v. sacrifícios).

peixe. — (v. CAR).

petate. — Esteira que os indígenas tecem do junco chamado *tul* ou *tule*. Chamam-lhe *petate tul*. Náhuatl: *petatl*: petate; *tolin*: tule, tul.«*Os que fazem esteiras*. O que é oficial de fazer esteiras tem muitas junças e folhas de palma, de que faz os petates, e para fazê-los primeiro estende os juncos em algum lugar plano para secá-los ao sol e escolhe os melhores e põe-nos de concerto; e dos petates que vende uns são lisos, pintados e outros são de folhas de palma... Vende também umas esteiras de junças grossas e compridas, e alguns destes petates são toscos e ruins e outros lindos e escolhidos; há petates largos e compridos, outros quadrados e outros compridos e estreitos, outros pintados» (Sahagún).

pedras de mós. — Disseram aos homens de pau: «Vocês atormentaram-nos; agora é a nossa vez de vos fazer o mesmo», quando estes foram castigados pelo Coração do Céu (12). Pedras especiais onde os indígenas amassam o milho para fazer a massa das tortilhas (v. joli, joli...).

pintura. — Jun Junaipu ensinou a arte de pintar a seus filhos Jun Batz e Jun Chowen (33). Na antiguidade, os pintores, cantores e flautistas invocavam Jun Batz e Jun Chowen (57). Tojil, Awilix e Jacawitz aconselharam Balam Quitzé, Balam Ak'ab e Majucutai a que pintassem as suas feições nos panos que iam dar às donzelas (131). Os filhos dos quatro primeiros Chefes trouxeram do Oriente a arte de pintar e escrever (145). «As cores que usavam nas suas pinturas, que eram muitas e belíssimas, extraíam-nas da madeira e de folhas de várias plantas, de flores, de frutas e de terras minerais» (Clavijero). «As cores que obtinham eram o ouro ocre, sena escura, vermelho carmesim, azul turquesa, verde azeitona, cinzento e negro» (Carmack). «Não causava menos admiração (nem ainda agora deixa de causá-la) a muita quantidade e diferença que vendiam de cores, que faziam de pétalas de rosas, de frutas, flores, raízes, cascas de árvore, pedras, madeira e outras coisas» (Torquemada).

piolho. — A avó Xmucané enviou um piolho dar o recado dos Senhores de Xibalbá a Junaipu e Xbalamqué (74). Os jovens tiraram o piolho que estava retido na boca do sapo e ordenaram que lhes desse o recado enviado pela avó Xmucané (79).

piteira. — (v. tzité).

pizote. — (v. ZIZ).

pom. — A avó Xmucané queimou *pom* no meio da casa quando as canas que Junaipu e Xbalamqué deixaram semeadas em sinal da sua existência reverdeceram depois de haverem secado (101). Balam Quitzé, Balam Ak'ab, Majucutai e Iqui Balam queimaram *pom* quando nasceu o sol (120). Os Senhores Principais queimavam *pom* quando faziam as suas orações e penitências (161). Na Guatemala é conhecido pelo nome de *copal*, do náhuatl *copalli*. Em quiché, diz-se *pom*. Trata-se de uma espécie de resina usada pelos indígenas como incenso nas suas cerimónias religiosas.

pomba turquez. — (v. XMUCUR).

pranto. — A gente das tribos e os seus Ajawab choravam copiosamente quando abandonaram Tulán (118). Balam Quitzé, Balam

Ak'ab, Majucutai e Iqui Balam queimaram *pom* e dirigiram-se a bailar, derramando lágrimas de felicidade, para o lugar onde o sol aparecia (11). Os primeiros quatro homens criados começaram a cantar, chorando suavemente, a canção chamada Camacu, quando se despediram das mulheres e dos filhos antes de desaparecer. (143) (v. CAMACU).

pratos. — Revoltaram-se contra os homens de pau quando estes foram castigados por UC'UX CAJ, o Coração do Céu (12).

PUJUY. — *A coruja.* Baile de Junaupu e Xbalamqué em Xibalbá (96).

puma. — (v. COJ).

QUATROCENTOS JOVENS. — Foram mortos por Zipacná e subiram ao céu juntamente com Junaipu e Xbalamqué, formando uma pleiade de estrelas, *Las Siete Cabrillas.* Também chamada *Motz,* Montão (23-26, 101).

QUEL. — *O periquito.* Um dos quatro animais que revelaram aos Formadores e Fazedores onde se encontrava o milho para fazer a carne do homem (103) (v. XMUCANÉ, JOJ, UTIW, YAK, PAXIL).

QUELETZU. — *O papagaio.* Primeiro animal a cantar quando nasceu o sol (119).

quetzal. — (v. K'UK).

QUICHÉ. — As histórias dos Quichés estão contidas no livro POPOL VUH (164). Os quatro homens primeiros pais dos quichés e as quatro mulheres de onde eles descendem são: Balam Quitzé e Cajá Paluná, Balam Ak'ab e Chomijá, Majucutai e Tzununijá. Iqui Balam e K'aquixajá não deixaram descendência (104-107, 164). As parcialidades dos quichés eram: a de Tamub, a de Ilocab e a do Ajaw Quiché. Quando saíram de Tulán, estas três parcialidades tiveram Tojil por divindade (113). As Casas Grandes dos quichés eram: a Casa de Cawec descendente de Balam Quitzé e Cajá Paluná; a Casa de Nijaib que descendia de Balam Ak'ab e Chomijá; a Casa de Ajaw Quiché descendente de Majucutai e Tzununijá (140-142, 147, 150). Os povos foram ganhos devido à grandeza do Reino Quiché e às maravilhas que obravam os seus Ajawab (151). A nação quiché era um dos ramos que descendia

do tronco maya e era uma das mais poderosas e civilizadas da América Central.

QUICRE. — Um dos Senhores de Xibalbá a quem Junaipu e Xbalamqué saudaram por Xan, o Mosquito, lhes ter revelado o seu nome. O seu companheiro era Quicrixk'ak (82) (v. XAN).

QUICRIXK'AK. — (v. QUICRE).

QUICXIC. — (v. XIC).

QUIEJ. — *O veado.* Um dos animais criados para ser guardiães dos bosques (4, 5). Um dos animais que Junaipu e Xbalamqué tentaram apanhar (68, 69). Os Sacrificadores caçavam as fêmeas dos veados e dos pássaros para oferecê-las aos seus ídolos (121). O Senhor dos Veados, símbolo de despedida, apareceu aos quatro primeiros homens quando chegaram ao fim dos seus dias (144). Náhuatl: *mazatl.*

QUIK'AB. — Poderoso Senhor da 6ª geração da Casa de Cawec. Governou com o seu adjunto Cawisimaj (155, 159).

RABINAL. — Tibo que se juntou aos Quichés quando saíram de Tulán (113). Quik'ab e Cawisimaj venceram os de Rabinal (156).

rato. — (v. CH'O).

RAXÁ CACULIÁ. — *Verde raio ou Raio muito formoso.* Terceira manifestação do Coração do Céu (3) (v. FURACÃO).

roça. — A roça é um terreno a que se roçou o mato e se cortaram as árvores, que depois se queimam, para preparar a terra para a semeadura de milho ou outros cultivos. Junaipu e Xbalamqué fizeram a sua roça, mas no dia seguinte as árvores, heras e trepadeiras tinham revivido e estavam como antes de ser cortadas (59-65).

Sacrificadores e Adoradores. — Referem-se a Balam Quitzé, Balam Ak'ab, Majucutai e Iqui Balam (124, 126, 127, 129).

sacrifícios. — Os quichés praticavam sacrifícios e penitências para servir os deuses: sacrificavam o seu sangue, tirado das costas e dos sovacos, a Tojil (116); furavam as orelhas e os cotovelos

atravessando-os com paus e espinhos e este sangue era o sinal da sua gratidão para com os deuses (117); praticavam jejuns e abstinência sexual (118); os Ajawab sacrificavam corças e fêmeas de pássaros aos seus ídolos (121); os Sacrificadores ofereciam a Tojil o sangue da garganta dos animais (122); os Sacrificadores ofereciam aos ídolos o sangue da gente das aldeias (124); os Adoradores assaltavam a gente que passava pelos caminhos e ofereciam o seu sangue a Tojil, Awilix e Jacawitz (127, 128); em Izmachi divulgou-se o costume das pessoas se sangrarem perante a divindade (149); os Ajawab faziam sacrifícios pela felicidade dos seus vassalos: jejuavam, praticavam a abstinência com as mulheres, faziam penitências e orações perante a divindade e queimavam *pom* (161); no tempo dos jejuns e penitências comiam frutas e não provavam tortilhas (162); em sinal do domínio que tinham sobre os seus vassalos, os Senhores jejuavam, mantinham-se em oração de dia e de noite, chorando e pedindo o bem dos seus vassalos (162); os Senhores Principais conquistavam a clareza e bons sucessos, e o mando e senhorio por meio da oração, o jejum e a penitência que faziam (163).

saliva. — (v. XQUIC).

sangrar-se. — «O acto de sangrar-se e escarificar-se desempenhou um papel principal entre os ritos religiosos. Extraíam o sangue das orelhas, especialmente dos lóbulos, do nariz, da testa, das têmporas, dos lábios inferiores, dos cotovelos, dos braços, das ancas e das pernas e das partes genitais. O sangue assim obtido, como também o das vítimas sacrificadas, tanto humanas como animais, era salpicado generosamente sobre os seus ídolos» (Morley). Os instrumentos de perfurar e cortar que usavam nestes ritos eram o osso da trompa do peixe-espada, a fateixa da raia, espinhas de peixe, lascas de obsidiana, ossos e conchas de moluscos» (Morley). «Nos dias de festa praticavam no alto das orelhas, com uma navalha de pedra negra de que já falámos, um buraco pelo qual faziam passar uma cana tão grossa como o dedo da mão, e tão comprida como um braço, e pela língua metiam e tiravam umas palhas, furando as línguas pelo meio e atravessando-as; outros furavam-se com as pontas de maguey e tudo o que disto saía ensanguentado era oferecido à divindade e colocado diante dela...» «Faziam em si mesmos um sacrifício horrendo e jamais imaginado: cortavam e fendiam o seu membro genital, e faziam tão grande abertura que por ela passava uma soga tão grossa como o braço e com um comprimento consoante a devoção e o esforço do penitente...» (Frei Bartolomé de las Casas). «Tinham por costume sacrificar as testas e as orelhas, línguas e lábios, os peitos e os braços, as pernas e também as suas naturezas e em algumas províncias eram retalhados e tinham navalhas de pederneira com que se retalhavam» (Bernal Díaz del Castillo).

sangue. — O nome Xquic significa *sangue*. A mandato de Xquic, os mensageiros Tucur picaram uma árvore e dela saiu um líquido vermelho como o sangue (47, 48) (v. árvore de sangue). Jun Junaipu e Wukub Junaipu, no seu caminho para Xibalbá, chegaram a um rio de sangue e passaram por ele sem beber (35). Junaipu e Xbalamqué passaram por cima das suas zarabatanas atravessadas sobre o rio de sangue, no seu caminho para Xibalbá (80). Os povos ofereceram o seu sangue a Tojil, extraído das costas e sovacos (116). Os Senhores ofereciam o seu sangue aos deuses em sinal de agradecimento (117). Quando os Sacrificadores punham o sangue da garganta dos animais na boca do ídolo, este falava (122). Os Adoradores ofereciam o sangue do povo a Tojil, Awilix e Jacawitz (127). O Ajaw K'ucumatz, grande chefe dos Quichés, transformava-se em sangue coagulado durante sete dias (154).

sapo. — (v. TAMAZUL).

SENHORES DO INFERNO. — Os Ajawab de Xibalbá, Senhores do Inferno, eram Jun Camé e Wukub Camé, Xiquiripat e Cuchumaquic, Ajalpuj e Ajalk'aná, Ajalmez e Ajaltok'ob, Chamiabak e Chamiajolom, Quicxic e Patán, Quicré e Quicrixk'ak e por último Solomán (82) (v. XIBALBÁ).

serpente. — Um dos primeiros animais formados pelos Criadores como guardiães dos bosques (4). K'ucumatz, grande chefe dos Quichés, podia transformar-se em serpente durante sete dias (151).

Sete Barrancos. — (v. Tulán).

Sete Covas. — (v. Tulán).

Sol. — (v. lua). Ao despedir-se de Tulán, as tribos que emigraram choravam velando a estrela que tinham por sinal do nascimento do sol (118). Quando viram surgir o luzeiro, anúncio e guia do sol, queimaram *pom* que tinham trazido do Oriente (119). Alegraram-se os animais, as aves abriram as asas e todos dirigiram os olhares para onde nasce o sol (120). Grande alegria houve entre os animais pequenos e grandes quando o sol nasceu (119). Os quatro primeiros homens queimaram *pom* e, bailando, encaminharam-se para onde nascia o sol, vertendo lágrimas de alegria (120). As tribos encontravam-se no cerro Jacawitz quando nasceu o sol (121). Ao despontar do sol, volveram-se em pedra os ídolos de Tojil, Aliwix e Jacawitz (120).

SOLOMÁN. — Um dos Senhores de Xibalbá (82).

SOTZ. — *O morcego.* Estes animais povoavam em abundância a Casa dos Morcegos, um dos lugares de tormento em Xibalbá (39). Um dos Morcegos, chamado Camasotz, cortou a cabeça a Junaipu (89) (v. CAMASOTZ).

tabaco. — Jun Junaipu e Wukub Junaipu queimaram os seus rolos de tabaco quando estiveram na Casa Escura, lugar de tormento em Xibalbá, e por isso foram vencidos (38, 40). Para vencer esta prova, Junaipu e Xbalamqué colocaram um vagalume na ponta de cada um dos seus charutos para aparentar que estavam a arder (84, 85) (v. ocote).

talha. — As talhas denegriram e maltrataram os homens de pau quando foram castigados pelo Coração do Céu (12). Junaipu e Xbalamqué enviaram Xan, o Mosquito, sobrevoar a talha de Xmucané para que esta se demorasse a enchê-la de água e eles tivessem tempo de encontrar os instrumentos do jogo da bola que o rato lhes revelou estarem no sotão da casa (71-73). Em barro cozido, a tina serve aos indígenas para conservar fresca a água.

TAMAZUL. — Nome do sapo que encontrou o piolho quando levava o recado da avó Xmucané aos dois jovens (74-79). Náhuatl: *tamazollin,* o sapo; quiché: *Xpec.* «Há sapos nesta terra como os de Espanha e chama-lhes *tamazollin,* pelo modo tosco como andam

e saltam, deslocando-se com dificuldade e parando muitas vezes» (Sahagún).

TAMUB. — Uma das parcialidades quichés que saíram de Tulán (113).

TAP. — *O caranguejo.* No princípio da existência não havia... caranguejos (2). Zipacná só comia peixe e caranguejos (27). Os dois rapazes fizeram um grande caranguejo para enganar Zipacná (27, 28) (v. ZIPACNÁ).

tapixcar. — Colher ou cortar milho. Também se aplica a palavra para designar a colheita de outras culturas. Xmucané enviou Xquic «tapixcar» uma rede de milho à «milpa» dos seus netos Jun Batz e Jun Chowen (49-50).

tartaruga. — (v. COC).

tatu. — (v. IBOY).

tecolote. — (v. TUCUR). *O mocho.*

tecomate. — Vasilha. Os quatro primeiros Chefes meteram moscardos e vespas em tecomates e usaram-nos como armas de combate contra as tribos sublevadas (135, 137). Os indígenas usam os tecomates para levar *atole* ou qualquer outra bebida, quente ou fria, por conservarem a temperatura durante muito tempo.

tenamastes. — As três pedras que os indígenas põem no fogo para suster *comales,* panelas e demais trastes. Os tenamastes revoltaram-se contra o homem de pau por causa das queimaduras que ele lhes infligia (13).

TEPEW. — Um dos deuses Criadores e Formadores (2, 102, 103, 108).

terra. — (v. ULEW).

TOJIL. — O primeiro deus a sair de Tulán foi Tojil; Balam Quitzé carregou o seu ídolo às costas num *cacaxte* (109). As parcialidades dos Quiché, de Tamub e de Ilocab acompanharam Tojil por ser o seu deus (113). Então, as tribos não possuiam fogo e Tojil criou-o e deu-lhes. Não souberam como criou o fogo porque quando o viram já brilhava e alumiava (113). Um aguaceiro e uma granizada apagaram este fogo. Tojil criou de novo o fogo dando

voltas e esfregando o seu *caite* no chão (114) (v. *caite*). Os cachiqueles roubaram o fogo doado a Tojil, protegidos pelo fumo, porque não quiseram submeter-se aos quichés (115). Os povos submeteram-se aos quichés e aceitaram ser sacrificados a Tojil em troca de lhes darem fogo (116). Tojil disse aos Senhores, quando estava no Oriente: «Não é aqui a vossa pátria; vamos procurar as nossas terras de semeadura» (117). Quando o sol nasceu, os ídolos Tojil, Awilix e Jacawitz transformaram-se em pedra (120). Os Adoradores sacrificavam animais, punham o sangue na boca de Tojil e a pedra falava (122). Os Sacrificadores assaltavam as pessoas nos caminhos e ofereciam o seu sangue a Tojil, Awilix e Jacawitz (127). Os povos inimigos dos Sacrificadores decidiram conquistar a vontade de Tojil, Awilix e Jacawitz enviando donzelas seduzi-los (129-132). Tojil aconselhou Balam Quitzé, Balam Ak'ab, Majucutai e Iqui Balam a que colocassem moscardos e vespas entre quatro tecomates para lhes servir na defesa do seu povo (153, 137). A casa da divindade chamava-se Grande Casa de Tojil e ali eram levadas oferendas e tributos dos Senhores e dos povos, quando vinham visitar o Ajaw (160). Tojil era o deus da chuva e patrono da guerra e do sacrifício (Carmack).

tomatal. — Xbalamqué chamou um coelho e disse-lhe: «Anda, vai ao pátio do jogo da bola e esconde-te no tomatal que ali está; quando a bola lá cair, sai a correr» (94) (v. IMUL).

tortilhas. — Os Senhores Principais não podiam comer tortilhas quando se encontravam em oração e a guardar jejum (162). Torta delgada e pequena feita de milho semi-cozido com cal, moído em mós de pedra e transformado em farinha. Amassam-se com as mãos e acabam de cozer-se sobre os *comales*. Juntamente com os feijões, constituem o alimento quotidiano dos indígenas da Guatemala (v. nixtamal, comales, feijões).

trepadeira. — *bejuco* nas línguas do Caribe (*caam* em quiché). Planta trepadeira que costuma enredar-se nas copas das árvores. Os *bejucos* que Junaipu e Xbalamqué cortaram ao arrotear a terra voltaram a erguer-se e ficaram como antes de ser cortados (59, 60, 65) (v. roça).

TUCUM BALAM. — Animal que quebrou os nervos e os ossos aos homens de pau, transformando-os em farinha quando foram castigados pelo Coração do Céu (12).

TUCUR. — *O tecolote*. Os Ajawab Tucur, Senhores Tecolotes, foram mensageiros dos Senhores de Xibalbá (35, 45, 48, 74). Xquic assinalou aos tecolotes o seu ofício: «A vossa missão consistirá em anunciar a morte» (47). Náhuatl: *tecolotl*. «Têm generalizada aversão ao mocho, a que chamam *Tetcolot*, e à coruja, porque discorrem e julgam que quando alguma destas aves nocturnas segundo a sua natureza, que naquela casa onde canta a miserável ave (ou porque busca a caça com que se alimentar, ou porque nela é coisa natural cantar de noite) há-de morrer alguma pessoa, e por esta néscia e ridícula credulidade perseguem-na e acossam-na até matá-la» (Fuentes y Guzmán, *Recordacion Florida*).

TULA ou TULÁN. — Também chamada Sete Barrancos e Sete Covas. Cidade de onde saíram as tribos que emigraram para a Guatemala (109, 118).

TZIQUINAJĄ́. — Um dos povos que saiu de Tulán com os Quichés e com eles emigrou (113).

tzité. — *A piteira*. Os adivinhos Xpiyacoc e Xmucané lançaram as suas sortes com as bagas vermelhas da piteira, *tzité*, e grãos de milho para saber se o homem de pau sairia a contento (9).

TZUNUNIJÁ. — *Água de pardais*. Mulher de Majucutai e uma das primeiras mulheres que foram criadas (106, 164) (v. Majucutai).

TZT. — *O cão*. Animais que se revoltaram contra o homem de pau quando foi castigado pelo Coração do Céu (12, 13). Junaipu e Xbalamqué esquartejaram um cão e ressuscitaram-no numa das provas de magia em Xibalbá (98). Segundo Fuentes y Guzmán, os cães «mudos e bons para comer» a que se refere Bernal Díaz del Castillo, eram os *tepescuintles*. Havia várias espécies de cães, como o demonstram os desenhos dos Códices Mayas que os representam.

UC'UX CAJ. — *Coração do Céu*. Um dos nomes atribuídos a Furacão.

UC'UX ULEW. — *Coração da Terra*. Outro nome de Furacão.

ULEW. — *A terra.* Os Criadores ordenaram aos grandes e aos pequenos animais, às grandes e às pequenas aves que habitassem Ulew, a Terra (6). Jun Junaipu disse à donzela Xquic que subisse a Ulew, a Terra, para não perecer (43). Xquic e os mensageiros Tucur subiram a Ulew, a Terra, enganando os Senhores de Xibalbá (47, 48). A palavra *ulew*, a terra, faz parte de um dos nomes atribuídos a FURACÃO: UC'UX ULEW, Coração da Terra. O nome ZACULEW significa *Terra Branca* (FURACÃO, ZACULEW).

UTIW. — *O coiote.* Um dos animais que Junaipu e Xbalamqué não conseguiram capturar (69). Um dos quatro animais que indicaram aos Criadores e Formadores que em Paxil se encontrava o milho amarelo e o milho branco para fazer a carne do homem (103) (v. Paxil, Yak, Joj, Quel). Os Sacrificadores imitavam o grito dos coiotes para amedrontar o povo (124). Náhuatl: *coyotl.* «O coyotl ou coiote, como lhe chamam os espanhóis, é uma fera semelhante ao lobo na voracidade, à raposa na astúcia, ao cão na figura... É mais pequeno do que o lobo e do tamanho de um mastim. Tem olhos amarelos e cintilantes, orelhas pequenas, ponteagudas e hirtas, o focinho escuro, as pernas fortes, as patas armadas de unhas grossas e fortes e a cauda grande e peluda. A cor da sua pele varia: pode ser parda, negra e branca. A voz faz lembrar o uivar do lobo e o ladrar do cão» (Clavijero).

vagalumes. — Junaipu e Xbalamqué colocaram vagalumes nas pontas dos seus charutos para fingir que os tinham acesos quando se encontravam na Casa Escura (84) (v. Casa Escura).

veado. — (v. QUIEJ).

vespas. — (v. ZITAL).

víbora. — Um dos animais criados pelos Fazedores e Criadores para ser guardiães dos montes (4).

WAC. — *O gavião.* Engoliu a cobra denominada Zaquicaz quando esta ia dar o recado da avó Xmucané a Junaipu e Xbalamqué (76, 77) (v. zarabatana).

WUCH. — *A doninha* (v. C'UCH).

WUKUB. — *Sete.* Faz parte dos nomes Wukub Junaipu, Wukub K'aquix, Wukub Camé.

WUKUB CAMÉ. — *Sete morte.* (v. Jun Camé).

WUKUB JUNAIPU. — *Sete atirador de zarabatana.* Irmão de Jun Junaipu (32, 35, 38, 40).

WUKUB K'AQUIX. — *Sete guacamaya.* O primeiro dos soberbos. Por mandato de Coração do Céu foi castigado e vencido por Junaipu e Xbalamqué (17-22, 28, 29) (v. Chimalmat, Cab Rakán, Zipacná).

XAN. — *O mosquito.* Por ordem dos dois rapazes, Xan, o Mosquito, picou a tina da avó Xmucané para que não se enchesse de água (72). Junaipu fez Xan, o Mosquito, de um pêlo da sua cara e mandou-o picar os Senhores de Xibalbá para averiguar os seus nomes (80, 81). Junaipu indicou indicou ao mosquito o seu alimento: «Chupar o sangue dos homens, pelos caminhos, será a tua comida» (81).

XBALAMQUÉ. — (v. JUNAIPU). Xbalamqué talhou a cabeça de Junaipu na carapaça de uma tartaruga (91) (v. COC). Xbalamqué ordenou a um coelho que se fizesse passar pela bola de borracha (94). Xbalamqué cortou Junaipu em pedaços e depois devolveu-lhe a vida (100).

XBAQUIYALÓ. — *Ossos atados.* Mulher de Jun Junaipu. Mãe de Jun Batz e Jun Chowen. Morreu quando os seus filhos foram transformados em macacos (32).

XIBALBÁ. — *O Inferno*, na tradução de Ximénez (35-48, 74, 79-101, 109).

XIC. — *O Gavião.* Ximénez também lhe dá o nome de Quicxic. Senhor de Xibalbá, companheiro de ofício de Pátan (82) (v. PATÁN). Este gavião diferencia-se de WAC por ser o gavião negro, que pode atingir as 24 polegadas de comprimento.

XIQUIRIPAT. — Senhor de Xibalbá, companheiro de Cuchumaquic (82) (v. CUCHUMAQUIC).

XMUCANÉ. — Esposa de XPIYACOC. Foram pais de Jun Junaipu e Wukub Junaipu e tiveram como netos Jun Batz e Jun Chowen, Junaipu e Xbalamqué (32, 49-52, 54-56, 61, 62, 71-74, 79, 101, 103). Xmucané e Xpiyacoc foram consultados como adivinhos pelos Criadores e Formadores para saber se os homens de pau falariam (8, 9) (v. tzité, adivinhos). Xmucané mandou Xquic *tapixcar* um

saco de milho como prova de que era sua nora (49, 50). Xmucané tinha preferência pelos netos Jun Batz e Jun Chowen e maltratava Jun Junaipu e Xbalamqué (51). Xmucané riu-se tanto ao ver Jun Batz e Jun Chowen transformados em macacos que acabou por afugentá-los e nunca mais regressaram (54-56). Ao meio-dia, Xmucané levou de comer a Junaipu e Xbalamqué, que estavam amanhando o terreno para plantar a sua *milpa* (61, 62). Xmucané procurou encher com água a tina perfurada por Xan, o Mosquito, mas não conseguiu, até que seus netos Junaipu e Xbalamqué taparam o buraco (71-73). Xmucané enviou um piolho aos netos Junaipu e Xbalamqué para que lhes desse o recado dos Senhores de Xibalbá (74). Xmucané queimou *pom* no meio da casa, diante das canas que Junaipu e Xbalamqué plantaram em sinal da sua existência (101). Xmucané moeu o milho branco e o milho amarelo e fez nove bebidas com que os Criadores formaram a carne e a substância dos quatro primeiros homens (103) (v. Paxil).

XMUCUR. — *A rola.* A esta espécie de pombo turquez Junaipu e Xbalamqué recomendaram que os avisasse da chegada da avó, quando ao meio-dia lhes trouxesse a comida (61).

XPIYACOC. — Esposo de Xmucané (v. XMUCANÉ, adivinhos).

XQUIC. — *Sangue.* Pai da donzela era Cuchumaquic, um dos Senhores Principais de Xibalbá (42). A caveira de Junaipu cuspiu um jacto de saliva na mão direita de Xquic, e por essa saliva ela concebeu Junaipu e Xbalamqué (42-51) (v. JUN JUNAIPU).

XTAYUL. — Senhor Principal, adjunto de Cotujá, da quarta geração da Casa de Cawec (147).

XTZUL. — *A centopeia.* Baile de Junaipu e Xbalamqué em Xibalbá (96). Os índios bailavam esta dança, na qual um dos bailadores colocava uma faca na boca. Ao som de carapaças de tartaruga, volteavam em redor com os rostos cobertos por máscaras.

YAK. — *O Gato montês.* Um dos animais que não se deixou apanhar por Junaipu e Xbalamqué (69). Um dos animais que indicou aos Criadores e Formadores onde se encontrava o milho branco e o milho amarelo que iria servir de carne do homem (103) (v. PAXIL, UTIW, QUEL, JOJ).

ZACULEW. — *Terra Branca.* Uma das tribos que se revoltaram contra Quik'ab e foi vencida juntamente com os Rabinal e os Cachiqueles (156).

ZANIC. — *As Formigas.* Carregaram pedaços do cabelo e das unhas de Zipacná para enganar os QUATROCENTOS JOVENS (24, 25). Obedecendo às ordens de Junaipu e Xbalamqué, cortaram as flores do jardim de Xibalbá (85).

zapota ou sapota. — Fruta que abundava em Paxil e Cayalá (103). Fruta que os Senhores Principais podiam comer quando estavam em oração e jejum (162).

ZAQUIC. — Uma das Casas Grandes dos Quichés (150).

ZAQUICAZ. — Assim se chamava a cobra que engoliu o sapo de nome Tamazul quando este ia dar a mensagem da avó a Junaipu e Xbalamqué (75-78).

zarabatana. — Tubo de cana oca que serve para lançar projécteis soprando-os com força. Os projécteis mais comuns são os bodoques de barro e as flechas (v. bodocazo). Junaipu disparou um bodocazo em Wukub K'aquix com a sua zarabatana (19, 20). Junaipu e Xbalamqué usavam tão-só o sopro, sem bodoques nas zarabatanas, quando iam caçar pássaros na companhia de Cab Rakan (30). Caçavam-nos para seus irmãos Jun Batz e Jun Chowen (51, 53). Os rapazes, com as zarabatanas, atingiram o gavião (77) (v. WAC). Junaipu e Xbalamqué tomaram o caminho de Xibalbá levando as suas zarabatanas e atravessaram os rios de pus e de sangue caminhando sobre elas (80). Dormiram dentro delas quando se encontravam na Casa dos Morcegos (89) (v. CAMASOTZ, Casa dos Morcegos).

zibaque. — Miolo do *tul*, junco com que os indígenas fazem *petates* ou esteiras, a que chamam *petate tul*. De *zibaque* foi feita a carne da mulher quando os Criadores formaram o homem de pau (10).

ZIPCANÁ. — Filho primeiro de Wukub K'aquix e Chimalmat, outro dos grandes soberbos. Fazia os montes numa noite (17, 23-28, 101).

ZITAL. — *As vespas.*

ZIZ. — *O pizote.* Animal semelhante ao esquilo, mas muito maior do que este. Um dos animais que não se deixou apanhar por Junaipu e Xbalamqué (69). Um dos animais que acudiu à chamada de Xbalamqué para escolher de qual deles faria a cabeça de Junaipu (90). Náhuatl: *pizotl.* Noutros países chamam-lhe *coatí.*

zompopos. — (v. ZANIC).

BIBLIOGRAFIA

ALVARADO TEZOZÓMOC, Hernando (séc. XVI), *Crónica Mexicana. Códice Ramírez*, México, Ed. Porrúa (Biblioteca Porrúa, nº 61).

BASSETA, Frei Domingo. *Vocabulario de lengua quiché*. Manuscrito, 1698.

CABRERA, Ángel. *Zoologia pintoresca*. Barcelona, Ramón Sopena, 1954.

CARMACK, Robert M. *Historia Social de los quichés*. Guatemala, Ed. «José de Pineda Ibarra» do Ministério de Educação, 1979 (Seminário de Integração Social Guatemalteca, nº 38).

CLAVIJERO, Francisco Javier. *Historia Antigua de México*. México, Ed. Porrúa, 1964 (Colecção «Sepan Cuantos...», nº 29).

CÓDICE RAMÍREZ (anónimo). Em *Crónica Mexicana* por Alvarado Tezozómoc.

CÓDICE CARTESIANUS. Cópia da edição de 500 exemplares numerados impressa em Madrid em 1892.

CÓDICE DRESDENSIS (Dresde Codex). Codices Selecti, vol. LIV, Graz, Áustria, 1975.

CÓDICE DRESDENSIS. GATES, William. *The Dresden Codex*. Reproduced from tracings of the original. Colorings finished by hand. Baltimore, 1932 (Maya Society Publication nº 2).

CÓDICE PERESIANUS (Codex Paris). Codices Selecti, vol. IX, Graz, Áustria, 1968.

CÓDICE TROANO. Brasseur de Bourbourg, Charles Etienne. Étude sur le système graphique et la langue des mayas. Paris, 1869.

CÓDICE TRO-CORTESIANUS (Códex Madrid) Codices Selecti, vol. VIII, Graz, Áustria, 1967.

CÓDICES MAYAS. Reproduzidos e comentados por J. Antonio Villacorta e Carlos A. Villacorta, Guatemala, 1977.

CONTRERAS, R. J. Daniel. *Breve Historia de Guatemala*, Ministério de Educação Pública da Guatemala, 1961.

DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, Espasa-Calpe, colecção «Austral», Madrid, 1955.

DICCIONARIO DE ELEMENTOS FONÉTICOS EN ESCRITURA JEROGLÍFICA, por Robert Barlow e Byron MacAfee. México, Universidade Autónoma, 1949.

DURÁN, Frei Diego (1537-1588). *Historia de las Indias de Nueva España y Islas de la Tierra Firme*, Ed. Nacional, Madrid, 1967.

ENCICLOPEDIA LABOR. Editorial Labor, Barcelona, 1956.

FONT QUER, P. *Diccionario de Botánica*. Editorial Labor, Barcelona, 1956.

FUENTES Y GUSMÁN, Francisco Antonio. *Recordación Florida*. Edição conforme ao códice do século XVII, cujo original se encontra no arquivo do município da cidade da Guatemala. Guatemala, Sociedade de Geografia e Historia, 1932-1933 (Biblioteca Goathemala, vols. VI, VII, VIII).

GUZMÁN, Pantaleón. Livro intitulado *Compendio en lengua Cakchiquel*, em doze tratados. Manuscrito, 1704.

HERNÁNDEZ SPINA, Vicente. *Apuntes del idioma Kiche*. Manuscrito, 1854.

IBARRA, Jorge A. *Apuntes de historia natural y mamíferos de Guatemala*. Ministério de Educação Pública, Guatemala, 1957.

LANDA, Frei Diego de (1524-1579). *Relación de las cosas de Yucatán*. México, Ed. Porrúa, 1973 (Biblioteca Porrúa, nº 13).

LAS CASAS, Frei Bartolomé de (1475-1566). *Los Indios de México y Nueva España*, antologia, México, Ed. Porrúa (Colecção «Sepan Cuantos...», nº 57), 1971.

MORLEY, Sylvanus Griswold. *The Ancient Maya*. Califórnia, Stanford University Press, 1947. Existe uma versão espanhola por Adrián Recinos com o título *La Civilización Maya*, México, Fondo de Cultura Económica, 1961.

NATIONAL GEOGRAPHIC SOCIETY (ed.). *Indians of the Americas*. Washington, 1955.

POPOL VUH:

1. *Historia de la Provincia de San Vicente de Chiapa y Guatemala*, composta pelo R. P. F. Francisco Ximénez. Guatemala, Sociedade de Geografia e História, 1929-1931 (Popol Vuh a pgs. 3-53, tomo I) (Biblioteca Goathemala, 1, 2, 3).
2. *Las Historias del Origen de los Indios de Esta Provincia de Guatemala*, traduzidas da língua quiché para o castelhano pelo reverendo padre Frei Francisco Ximénez... Segundo o texto espanhol pelo Dr. C. Scherzer (Edição de Viena, 1857). El Salvador, Edições da Biblioteca Nacional, 1926.
3. POPOL VUH. *Le livre sacré et les mythes de l'antiquité Américaine*, avec les livres héroiques et historiques des Quichés. Par l'abbé Brasseur de Bourbourg. Paris, Arthur Bertrand, éditeur, 1861.
4. *Los Dioses, los Héroes y los Hombres de Guatemala Antigua* ou *El Libro del Consejo POPOL VUH de los Indios Quichés*. Trad. do quiché ao francês por Georges Raynaud. Traduzido do francês ao espanhol por Miguel Ángel Asturias e J. M. González de Mendonza. Paris, Editorial Paris-América, 1927.
5. POPOL VUH. *Las Antiguas Historias del Quiché*. Traduzidas do texto original, com uma introdução e notas por Adrián Recinos. México, Fondo de Cultura Económica, 1947.
6. POPOL VUH. *The Sacred Book of the Ancient Quiche Maya*. English version by Delia Goetz and Sylvanus Morley from the translation of Adrian Recinos. Norman, University of Oklahoma Press, 1950.
7. POPOL VUH. *Antiguas Historias de los Indios Quichés de Guatemala*. Ilustradas com desenhos dos Códices Mayas. Advertência, versão e vocabulário de Albertina Saravia, México, Ed. Porrúa (Colecção «Sepan Cuantos...», nº 36).

8. POPOL VUH. *Das Heilige Buch der Quiché Indianer vom Guatemala*, von Dr. Leonhard Schultze Jena. Stuttgart und Berlin, Verlag von W. Kohlhammer, 1944.

ROJAS, Ulisses. *Elementos de Botánica General*. Guatemala, Tipografia Nacional, 1925.

SAHAGÚN, Frei Bernardino de (1490?-1590). *Historia General de las Cosas de Nueva España*. México, Ed. Porrúa, 1975 (Colecção «Sepan Cuantos...», nº 300).

SANDOVAL, Lisandro. *Semántica Guatemalense o Diccionario de Guatmaltequismos*. Guatemala, Tipografia Nacional, 1942.

THOMPSOM, J. Eric S. *The Rise and Fall of Maya Civilization*. Norman, University of Oklahoma Press, 1970.

TORQUEMADA, Frei Juan de. *Monarquia Indiana*. México, Ed. Porrúa, 1975 (Biblioteca Porrúa, nº 41, 42 e 43).

XIMÉNEZ, Frei Francisco (Veja-se POPOL VUH. *Historia de la Provincia de San Vicente de Chiapa y Guatemala...*).

— *Arte de las tres lenguas cacchiquel, quiché y tzutuhil*. Manuscrito na Ayer Collection, Newberry Library, Chicago.

ÍNDICE

Notícia e Comentário VII

Popol Vuh XV

Vocabulário 165

Bibliografia 203

colecção cão vagabundo 30

HIE

[...]feros artiodáctilos, da subordem dos ruminantes, família dos tragúlidas.

Hiena (ê), *s. f.* (do gr. *hyaina*). Género de carnívoros, que tem o porte de um grande cão: «uma *hiena*, animal mui feroz e cruel, que fossa nas sepulturas para manjar cadáveres», Manuel Bernardes, *Nova Floresta*, III, 274; «Nas líbicas montanhas | As citales são feras, de pintura | Tão singular, que só co'a vista encantam. | As *hienas* levantam | A voz tão natural à voz humana, | Que quem as ouve, fàcilmente engana», Camões (cit. de Frei Domingos Vieira, *Dicionário*, s. v.); «A morte, como uma *hiena*, | Abriu a boca esfaimada», Guerra Junqueiro, *Musa em Férias*, 81, 5.ª ed.; «*hiena*, a qual ri com umas exaltações ferozes», Camilo, *Cancioneiro*, Prefácio. ‖ *Fig.* Pessoa tão cobarde como cruel, cuja maldade se exerce na sombra, às ocultas.

Hiena malhada, *s. f. Zool.* Mamífero carnívoro e digitígrado, também chamado *lobo-*